

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME VIII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1969

ANÉIS, BRACELETES E BRINCOS DE CONIMBRIGA

Na sequência de um artigo sobre alfinetes de toucado de Conímbriga que publicámos no último volume desta revista, apresentamos agora outros objectos de adorno: anéis, braceletes e brincos. Todas as peças aqui publicadas são provenientes das escavações anteriores a 1962 e não têm qualquer indicação de estratigrafia. A cronologia que sugerimos para algumas delas baseia-se em paralelos datáveis de outras estações arqueológicas.

ANÉIS

INTRODUÇÃO

Tal como hoje, houve, na Antiguidade, um grande gosto pelos anéis, embora em maior proporção nos homens do que hoje. O anel constituiu quase o único ornamento masculino (1).

Foi usado desde épocas remotas pelos gregos que devem ter ido buscá-lo aos povos orientais. Estes utilizavam pedras gravadas, montadas em anéis, a servir de selo. Com efeito, o anel foi primeiramente usado como selo, e só depois como objecto de adorno.

Varia também com o tempo o material usado na sua confecção. Os anéis mais antigos eram inteiramente de metal, principalmente de

(1) O leitor que desejar elucidar-se melhor sobre este assunto poderá consultar Cagnat e Chapot, *Manuel d'Archéologie Romaine*, Paris, 1920, tomo II, p. 400 e ss. e Saglio e Daremberg, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, voc. *anulus*.

ferro, e sem pedra. No tempo de Plínio, porém, o anel de ferro, em Atenas, restringia-se aos pobres, pois os ricos possuíam anéis de metais preciosos, geralmente com pedras a ornamentá-los. Estas eram notáveis quer pelo seu brilho natural e raridade, quer pelas figuras nelas gravadas.

O formato dos anéis também evoluciona muito, sendo os mais simples os anéis que revestiam a forma de uma fita ou serpente com uma ou várias voltas em espiral.

Primeiramente usava-se o anel somente no dedo anular; mais tarde, porém, por influência do Oriente, homens e mulheres começaram a cobrir os dedos com anéis.

A introdução dos anéis em Itália faz-se bastante cedo, quer através dos Sabinos, quer dos Etruscos.

O uso do anel sofreu também aqui uma evolução. Os romanos antigos só usavam o anel nupcial. Durante a República, todavia, surgiram dois tipos de anel: o de ferro e o de ouro. O primeiro era o anel do cidadão romano e o segundo, de uso restrito, era uma insígnia de nobreza, uma recompensa ou um privilégio inerente a certas funções. Este costume tiraram-no, os romanos, dos etruscos (1).

Depois das guerras civis, o anel de ouro deixou de ser um privilégio para se tornar de uso geral. Para esta difusão contribuiu imenso a atitude dos imperadores, que o foram dando por vezes como recompensa dos serviços prestados.

Assim, o anel de ouro passou finalmente a poder ser usado por todos os homens livres, que até então se serviam do anel de prata, enquanto aos escravos não era permitido senão o uso do anel de ferro.

A cultura helenística, por sua vez, propagou dentro do Império Romano o gosto pelas pedras preciosas e gravadas, bem como o costume oriental de usar num só dedo muitos anéis sem recar cobrir todos os dedos das duas mãos. Por superstição evitava-se todavia usar anéis no dedo médio.

As figuras gravadas nos anéis, além de os enriquecerem, serviam também de sinetes e amuletos, devido às virtudes mágicas atribuídas a certas pedras. Os motivos artísticos eram quase sempre gravados;

(1) Giovanni Becatti, *Oreficerie antiche dalle Minoiche alle barbariche*, Roma, 1955, pp. 113 a 118.

eram personagens da mitologia, animais, flores e plantas, e por vezes atributos simbólicos das divindades (1).

Havia também quem usasse nos anéis a efigie de um antepassado, de um amigo ou mesmo do imperador.

O luxo dos anéis tornou-se tão exagerado que o uso foi satirizado e grandemente combatido por vários moralistas, entre os quais Quintiliano. Marcial cita ironicamente Carino, que usava 6 anéis, noite e dia, e Juvenal satiriza a figura de Crispino, escravo alexandrino enriquecido, que usava um ligeiro anel estival porque não suportava o peso da gema do anel de inverno. Havia assim anéis de Inverno e anéis de Verão (2).

Sob o Império faziam-se anéis tão pesados, que somos levados a crer tratar-se de peças votivas, consagradas a alguma divindade. Todavia o imperador Maximiano, que era muito corpulento, usava o bracelete da esposa como anel.

Os anéis romanos têm formatos muito diversos e, alguns deles, curiosos.

Os anéis de ouro, largos e chatos, são raros. No séc. i d.C., porém, continuam a usar-se os anéis serpentiformes provenientes da época helenística, com duas cabeças afrontadas, ou por vezes com os bustos de Isis e Serápis como ornamento destas extremidades.

O anel-sinete de aro grosso aumentando progressivamente para a mesa é muito popular nos séculos i e n. No século m toma uma forma elíptica (tesouro de Tarsus).

Outra variedade do anel sinete, de aro recortado, por vezes com uma pedra engastada e outras vezes com uma moeda, surge nos finais do século ii e estende-se até ao século iv.

No tempo de Cláudio torna-se moda gravar o sinete, não numa pedra, mas num anel maciço de ouro.

Nos finais do século n surge o anel de aro boleado (secção em D) e com mesa. Esta, por vezes, tem uma pedra gravada e, outras vezes, uma moeda de ouro.

Os anéis de aro fino e mesa circular provêm da época helenística

(1) Mário Cardozo, «Pedras de anéis romanos encontrados em Portugal», *Revista de Guimarães*, LXXII (1962), pp. 155 e segs..

(2) Reynold Higgins, *Greek and Roman Jewellery*, pp. 40 e segs..

e são comuns em Pompeia. Igualmente de sobrevivência helenística é o anel de aro espesso e mesa circular.

O anel-selo com mesa oval e um par de glóbulos em cada junção pertence aos séculos i e ii. Os anéis ornamentais, com uma ou mais pedras salientes, são extremamente populares no fim deste período. Não são anteriores ao século n.

O anel octogonal apresenta duas variantes notáveis: a primeira mostra o aro furado com desenhos abertos à mão e uma pedra engastada numa das faces, a segunda apresenta frequentemente inscrições. Quer uma, quer outra, são do século iv.

O anel com pedras colocadas ao redor do aro, notável pela sua policromia, é também dos séculos m e iv.

Ainda deste período são os anéis compostos de dois, três ou quatro aros sobrepostos. Estes anéis, ornamentados com pedras, uniam-se atrás num só círculo, ou reuniam-se numa pequena mesa com uma divindade egípcia gravada, o que nos leva a crer tratar-se de peças fabricadas no Egípto romano.

Os anéis de noivado ou de amizade aproximavam dois rostos sobre o engaste ou compunham-se de dois anéis gémeos fundidos num só dedo.

Outro caso curioso é o anel em que o engaste é flanqueado por uma pequena chave, destinada a fechar o cofre das jóias.

Nos séculos iv e v encontramos novas formas, de procedência germânica (1). Os Godos, quando habitavam a parte meridional da Rússia, sofreram a influência da cultura sarmática e utilizaram muito os anéis, introduzindo novas formas que passaram logo a outros povos germânicos. Continuavam a usar os anéis de tipo romano, mas, por outro lado, notam-se tendências novas na decoração dos anéis de mesa, onde se podiam gravar figuras ou inscrições. São vários os símbolos cristãos utilizados: a palma, o cordeiro, a pomba, a águia, um barco, um ramo de palmeira, o alfa, o omega e o crismon. Há a considerar, ainda, as inscrições invocatorias como, por exemplo, *Vivas in Dei*, por vezes abreviada *V D*, ou súplicas à protecção divina. Na Península fabricaram-se anéis deste tipo.

(1) W. N. Reinhart, «Los anillos hispano-visigodos», *Archivo Español de Arqueologia*, 68 (1947), pp. 167-169.

Os anéis de Conímbriga são de bronze (1-66), latão (67), cobre (68-69) prata (70-72), ouro (73-76), osso (77) e vidro (78-83). Para os de bronze tentámos fazer uma classificação tipológica:

- I — Anéis com fecho por torção (1-4)
- II — Anéis com as extremidades sobrepostas (5 e 10)
- III — Anéis de extremidades abertas (6, 11 e 12)
- IV — Anéis com aro fitiforme (7-9)
- V — Anel circular de secção quadrada (13)
- VI — Anéis poligonais de secção rectangular (14-15)
- VII — Anéis de mesa (16-19)
- VIII — Anéis de mesa de aro fitiforme
 - a) Aro de extremidades sobrepostas (20-24)
 - b) Aro fechado (25-26)
- IX — Anéis com decoração incisa linear (27-38)
- X — Anéis com decoração pontilhada (39-41)
- XI — Anéis com decoração denticulada (43-47)
- XII — Anéis com decoração metopada (42 e 48)
- XIII — Anéis com decoração linear nas asas e mesa oval (49-50)
- XIV — Anéis de mesa com decoração linear (51 e 52)
- XV — Anéis de mesa com decoração figurativa esquemática (53-55)
- XVI — Anel de mesa decorada com SS (56)
- XVII — Anéis com inscrições (57-59)
- XVIII — Anéis de mesa com decoração cruciforme (60 e 61)
- XIX — Anéis com incrustações (62-64)
- XX — Anel com remate em forma de folha de hera (65)
- XXI — Anel com remate em forma de lira (66)

DESCRIÇÃO

Anéis de bronze

- 1 — Fio de bronze dobrado em círculo, fechando por torção das extremidades.
 - Esta torção ocupa, aproximadamente, 1/5 da superfície total do aro.
 - Dimensões: D. 13 mm; d. 12 mm; espessura 1,1 mm(l)
 - Secção circular.
 - Estado de conservação: completo.

(1) D. significa diâmetro maior e d. diâmetro menor.

2 — Anel de formato semelhante ao anterior, mas de menores dimensões. O fecho ocupa cerca de 1/3 da superfície total do aro.

Dimensões: D. 9 mm; espessura 1 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: completo, mas em decomposição.

Os braceletes 5 e 6 deste nosso artigo têm fechos semelhantes. Vários autores consideram estes braceletes comuns às épocas pré-romana e romana dos séculos n a iv d.C.. Temos, porém, também paralelos para estes anéis em necrópoles merovíngias e visigóticas (1).

3 — Anel de aro filiforme cujo fecho é constituído por dois filamentos enrolados em espiral e separados por uma porção de aro. Este fecho ocupa aproximadamente 1/4 da superfície daquele.

Dimensões: D. 17 mm; espessura 1 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: completo, mas em decomposição.

4 — Fio de bronze dobrado em círculo, fechando por torção e enganchamento das suas extremidades: a extremidade menor, dobrada em hélice, penetra na argola da maior.

Dimensões: D. 18 mm; d. 17 mm; espessura 1 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: completo.

Este tipo de anel parece ter existido na primeira metade da época de la Tène(2).

5 — Anel de extremidades sobrepostas, menos espessas e mais estreitas que a restante porção do aro.

Dimensões: D. 20 mm; d. 18 mm; espessura 4,7 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: completo, mas muito decomposto.

(1) Georges Goury, «Antiquités Historiques — III circonscription», *Gallia*, XV (1957), p. 172, fig. 2. Este achado faz parte duma necrópole merovíngia. Jacques Heurgon, «Informations — 1^e Circonscription», *Gallia*, VII (1949), p. 109, fig. 8. Pertence ao cemitério de Saint-Roch. Fernando Jiménez de Gregório, «Hallazgos en la Vega de Santa Maria, en le término de Mesegar», *Archivo Español de Arqueología*, XXXVIII (1965), fig. 17. É considerado como um anel visigótico.

(2) Marten Stenberger, «Eketorp's Borg, a fortified village on Oland, Sweden», *Acta Archaeologica*, XXXVII (1966), p. 211, fig. 5, apresenta um anel de fecho semelhante a este. Os objectos aqui encontrados estão datados da 1.^a metade da última Idade do Ferro.

Esta forma de anel mantém-se a mesma em várias épocas: Idade do Bronze, Idade do Ferro e época romana (1).

- 6 — Anel de extremidades abertas, mas achatadas e mais largas que o resto do aro.
Parecem ter tido a ornamentá-las dois sulcos, de cada lado, mas muito pouco perceptíveis.
Dimensões: D. 21 mm; d. 20 mm; altura 4 mm.
Estado de conservação: completo, mas de extremidades fracturadas.
Secção circular.

Este tipo de anel parece pertencer à Idade do Ferro (2).

- 7 — Anel de aro fechado e boleado.
Dimensões: D. 20 mm; altura 2,3 mm; espessura 0,8 mm.
Secção em D.
Estado de conservação: completo, mas amolgado.

Há mais 2 anéis deste tipo, porém com 5 mm e 3,5 mm de altura.
É de assinalar que este tipo de anel fitiforme se manteve durante várias épocas distintas: Idade do Ferro, época romana, visigótica e merovíngia (3).

(1) Pierre Abauzit, «Du Chalcolithique au premier Âge du Fer en Languedoc», *Revue Archéologique du Centre*, III (1964), p. 233, fig. 4. É considerado como sendo do Bonze Médio.

Hermanfrid Schubart, «Atalaia — uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo», *Arquivo de Beja*, XXII (1965), p. 121, fig. 7.

Jonas Palm, «Véecian tomb groups in the Museo Preistorico, Rome», *Opuscula Archaeologica*, II (1952), est. XIII, n.º 11. Os túmulos de Vaccareccia, a que pertence, são datados das últimas décadas do século vn e começo do século vi a.C..

Juan Cabré Aguiló, «Museo Arqueológico de Sevilla», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, V (1949), est. XL. Parece ser datado da 2.ª época do ferro.

André Soutou, «La grotte — sanctuaire de Sargel», *Ogam*, XVIII (1966), p. 7, est. 3, fig. 5. Estes achados pertencem à época galo-romana.

(2) Odette e Jean Taffanel, «La necrópole hallstattienne de “Las Fados”», *Gallia*, VI (1958), p. 7, fig. 10, 34.

(3) Jerzy Potocki e Zenon Wozmik, «Les celtes en Pologne», *Ogam*, XIII (1961), est. XXVI, fig. 2, n.º 4. Os autores datam estes achados de 300 a.C. ou da 1.ª metade do século m a.C.. O aro deste anel é mais largo do que o de Conímbriga. G. Rancoule, «L’oppidum protohistorique de La Lagaste», *Cahiers ligures de Préhistoire et d’Archéologie*, 14 (1965), p. 62, fig. 8-A. Este oppidum situa-se

8 — Anel de aro fitiforme. Parece ter tido as extremidades sobrepostas e, depois, soldadas, dando origem, assim, a um aro fechado.

Dimensões: D. 17 mm; altura 2 mm; espessura 1,5 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo.

Há mais dois anéis deste tipo, em Conímbriga, um deles completo, outro não, porém de dimensões diferentes.

9 — É idêntico ao anel anterior, apresentando, todavia, um aro mais alto.

Dimensões: D. 18 mm; altura 3,5 mm; espessura 1 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo.

10 — Tal como o anel n.º 5, fecha por sobreposição das extremidades; o aro é todavia fitiforme.

Dimensões: D. 19 mm; d. 18 mm; altura 3,5 mm; espessura 0,5 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo mas torcido.

Encontram-se em Conímbriga mais 7 anéis deste tipo, cujas alturas variam entre 2,5 mm e 5,2 mm.

11 — Anel de aro fitiforme e extremidades abertas e assimétricas. A altura do aro vai diminuindo, progressivamente, da extremidade menor para a maior, que tem um formato quase triangular.

Dimensões: D. 17 mm; d. 16 mm; altura 6,5 mm a 3,5 mm; espessura 1,5 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo, mas torcido e em decomposição.

12 — Anel de extremidades abertas e mais planas e largas que o resto do aro.

Dimensões: D. 22 mm; d. 20 mm; altura e espessura 1,8 mm.

na 1.^a Idade do Ferro (séculos II e I a.C.). P.^o Francisco Manuel Alves, «O Castro de Sacoiás», *O Archeologo Português*, XII (1907), p. 268, fig. 4.^a. Neste castro existe também cerâmica dos primeiros séculos da nossa era. Wemer Krámer, *Cambodunumforschungen* 1953 — I, 1957, est. 16, n.º 9. Esta estação arqueológica vai dos inícios do século I d.C. a meados do século III. Fernando Jiménez de Gregorio, «Hallazgos en la Vega de Santa Maria, en el término de Mezegar», *Archivo Español de Arqueologia*, XXXVIII, (1965), p. 214, fig. 25. Está incluído entre os objectos visigóticos e romanos de El Palomar. Michel Brézillon, «Cimetière mérovingien à Nitry (Yonne)», *Gallia*, XXII (1964), p. 258, fig. 4.

Secção quadrangular.

Estado de conservação: completo, mas de extremidades levemente fragmentadas.

13— Anel de aro fechado e secção quadrangular.

Dimensões: D. 20 mm; altura e espessura 2 mm.

Estado de conservação: completo mas em decomposição.

Há mais um anel deste tipo.

Esta forma de anel existiu já na época de Hallstatt (1).

14— Anel poligonal, de aro fechado e em forma de eneágono.

Dimensões: D. 22 mm; altura 1,8 mm; espessura (mínima) 2 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo.

15— É também um anel poligonal de aro em forma de hexágono.

Dimensões: D. 15 mm; altura 1,6 mm; espessura (mínima) 0,6 mm.

Estado de conservação: completo, mas aberto numa das faces do hexágono.

Há mais um anel deste tipo, porém de 7 lados.

O anel poligonal parece ser típico da época romana imperial (2).

16— Anel de mesa rectangular saliente e aro boleado, que vai estreitando progressivamente a partir da mesa para a parte posterior do anel.

(1) Odette et Jean Taffanel, «La nécropole hallstattienne de Las Fados», *Gallia*, VI (1948), p. 16, fig. 18, 106.

(2) J. L. de Vasconcellos, «Apêndice II — Sepultura de Santa Menina (Fundão)», *O Archeologo Português*, XXII (1917), p. 338, fig. 34. Este anel fechado, de aro poligonal, pertence à época romana. John Ward, *The Roman era in Britain*, Londres, p. 267, fig. 76, I. O autor não determina com precisão a datação deste achado, dando-o como pertença da época Imperial Romana. W. Whiting, W. Hawley e Thomas May, *Report on the excavation of the Roman cemetery at Ospringe, Kent*, Oxford, 1931. Este achado arqueológico não se encontra delimitado com precisão considerando-o o autor como pertencente à época imperial. J. P. Busche-Fox, *Second Report on the Excavations on the site of the Roman town at Wroxeter, Shropshire*, II, 1914, p. 15, fig. 8, n.º 27. Sabe-se que esta estação arqueológica se estende dos fins do século I e começos do século II aos fins do século IV d.C. J. Cl. Courtois, «Objects provenant d'un cimetière protohistorique et gallo-romain à Lanslevillard (Savoie)», *Gallia*, XIX (1961), p. 247, fig. 4. Pertence ao mobiliário funerário dum cemitério galo-romano do século I e II d.C.

Dimensões: da mesa 10,5 mm x 9,5 mm; D. 20 mm; espessura 2 mm.
Secção em D.

Estado de conservação: incompleto e muito decomposto.

17— Anel de mesa rectangular saliente e aro de secção rectangular e estrutura uniforme.

Dimensões: da mesa 7 mm x 4,5 mm; D. 11 mm; d. 10 mm; altura 2 mm; espessura (máxima) 2 mm.

Estado de conservação: completo.

18— Anel de mesa circular saliente, cujo aro, de rebordos finos, diminui para a parte posterior do mesmo.

Dimensões: D. 7 mm (mesa); D. 18 mm (aro); altura (máxima) 6 mm.
Secção em D.

Estado de conservação: incompleto, torcido e em decomposição.

19— Anel de mesa elíptica, plana, ao nível do aro, que vai estreitando levemente para a sua parte posterior. Apresenta uma curvatura quase quadrangular.

Dimensões: altura da mesa 10 mm; D. 25 mm; altura (máxima) 8 mm; espessura 3 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: completo, porém em decomposição incipiente.

Este tipo pode datar-se da segunda metade do século II a fins do século IV d.C. (1).

20— Anel de mesa circular de aro fitiforme de extremidades sobrepostas.

Dimensões: D. da mesa 8,5 mm; D. 22 mm; d. 19 mm; altura 5,5 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: completo, mas torcido.

21— Anel de mesa elíptica e aro fino fitiforme de extremidade sobrepostas.

(1) Teria este anel possuído uma pedra colada na mesa? Com efeito, em *Antiquities of Roman Britain (British Museum)* vemos um anel deste tipo, porém de mesa losangonal e com uma pedra colada. Está incluído no grupo A da classificação de anéis aí contida e datado do século n d.C.. Igualmente, J. P. Bushe-Fox, *Third Report on the excavations on the Roman town at Wroxeter, Shropshire*, Oxford, 1916, est. XVIII, n.ºs 28 e 29, cita dois anéis deste tipo, porém, um com uma ornamentação gravada, e o outro com uma pedra colada. O anel gravado está datado dos fins do século I e começos do século n e o anel de pedra proveio da zona VI, datada da 2.ª metade do século u a fins do século IV.

Dimensões: altura da mesa 6,5 mm; D. 17 mm; altura do aro 3 mm; espessura 1,3 mm.

Estado de conservação: completo (1).

- 22 — Anel de mesa losangonal, pouco perceptível e ligeiramente mais espessa que o resto do aro, que apresenta as extremidades sobrepostas. Estas são arredondadas, achatadas e maior uma do que a outra. O aro é fitiforme.

Dimensões: altura da mesa 4,8 mm; D. 17 mm; d. 16 mm; altura do aro 3 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: completo.

Conhecemos um anel semelhante, mas de época merovíngia (2).

- 23 — Anel de mesa vagamente hexagonal, muito grande, e aro fitiforme e de extremidades sobrepostas e arredondadas. O aro vai estreitando para as extremidades.

Dimensões: altura da mesa 13 mm; D. 20 mm; espessura 0,6 mm.

Estado de conservação: incompleto e de mesa fracturada(3).

- 24 — Anel de mesa hexagonal irregular e aro fitiforme de extremidades sobrepostas. Dá-nos a ideia de estar voltado do avesso.

Dimensões: altura da mesa 6 mm; espessura da mesa 1,5 mm; D. 20 mm; d. 18 mm; altura do aro 3 mm; espessura do aro 1 mm.

Estado de conservação: completo, torcido nas extremidades e em decomposição.

- 25 — Anel de mesa quadrangular imperfeita e aro fitiforme, levemente convexo, fechado.

Dimensões: altura da mesa 5,8 mm; espessura da mesa 0,2 mm; D. 20 mm; altura do aro 2,2 mm; espessura do aro 1 mm.

Estado de conservação: incompleto, partido em dois pedaços e em decomposição.

- 26 — Apresenta igualmente uma mesa quadrangular irregular, mesa essa, todavia, que é feita de uma peça solta que se enrolou em volta do aro e se uniu, depois, na base. O aro é fitiforme.

(1) René Louis, «Informations — XIX^e circonscription historique», *Gallia*, XIV (1956), p. 312, fig. 7. Este anel faz parte do mobiliário de uma sepultura merovíngia em Escolives (Yonne).

(2) Jacques Heurgon, «I.^e circonscription», *Gallia*, VII (1949), p. 109, fig. 8. É um achado de Valenciennes e pertence a um cemitério merovíngio.

(3) Reinhart, *art. cit.* p. 176, fig. 3, n.º 60. O anel aqui indicado embora apresente formato semelhante ao de Conímbriga tem, contudo, a mesa ornamentada por estrias. Pertence a uma necrópole visigótica.

Dimensões: altura da mesa 6 mm; altura do aro 3,2 mm; espessura 1 mm;
D. 20 mm; d. 17 mm.

Estado de conservação: completo, mas decomposto.

- 27 — Anel de aro fitiforme com decoração linear incisa: linhas verticais e oblíquas, dispostas irregularmente, e atingindo o aro nos seus dois bordos.

Dimensões: D. 20 mm; d. 15 mm; altura 3 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: incompleto.

- 28 — Anel de aro fitiforme com decoração linear incisa: linhas verticais e oblíquas, que ora atingem ora não, os bordos do aro.

Dimensões: D. 15 mm; altura 3 mm; espessura 0,7 mm.

Estado de conservação: incompleto.

- 29 — Anel de aro em forma de fita com decoração linear incisa em zigue-zague.

Dimensões: D. 17 mm; d. 16 mm; altura 4 mm; espessura 0,9 mm.

Estado de conservação: incompleto e decomposto.

- 30 — Anel de aro fitiforme de extremidades sobrepostas com uma decoração constituída por dois sulcos, um de cada lado, contornando o aro e, na parte média deste, uma linha em zigue-zague.

Dimensões: D. 19 mm; altura 3,5 mm; espessura 0,8 mm.

Estado de conservação: completo.

- 31 — Anel de aro fitiforme de extremidades sobrepostas, uma arredondada e outra recta com uma decoração linear incisa formando uma espécie de zigue-zague duplo.

Dimensões: D. 17 mm; d. 15 mm; altura 4 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: completo, mas torcido.

Há mais quatro fragmentos de anéis deste tipo cujas alturas variam entre 3 e 4 mm.

Parece ser um anel visigótico (1).

- 32 — Anel de aro fitiforme, de extremidades levemente sobrepostas e cuja decoração é constituída por linhas verticais incisadas.

Dimensões: D. 16 mm; altura 1,5 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: completo.

- 33 — Anel de aro laminar com decoração linear incisa: um sulco profundo envolve o anel na sua parte média.

(1) W. M. Reinhart, *art. cit.*, p. 176, fig. 3, n.º 58.

Dimensões: D. 22 mm; d. 19 mm; altura 2 mm; espessura 0,9 mm.

Estado de conservação: incompleto e partido em dois pedaços.

- 34 — Anel de aro em forma de fita, aberto, cuja decoração linear incisa é constituída por dois sulcos incisivos que contornam o aro, nos seus dois bordos. A parte média é levemente boleada.

Dimensões: D. 20 mm; altura 3,8 mm; espessura 0,5 mm.

Estado de conservação: completo.

Esta forma de anel parece ser bastante comum e estender-se do Bronze Final III à época romana imperial (1).

- 35 — Anel de mesa plana, possivelmente circular, o aro fitiforme com decoração idêntica à do anel anterior.

Dimensões: D. 22 mm; d. 20 mm; altura do aro 4,8 mm; espessura 0,8 mm.

Estado de conservação: incompleto, muito partido e decomposto.

Parece ser um anel visigótico (2).

- 36 — Anel de aro fitiforme e circular, fechado, cuja decoração incisa linear é constituída por uma série profusa de linhas verticais cortadas, na sua parte média, por um sulco longitudinal que contorna o aro.

Dimensões: D. 20 mm; altura 2 mm; espessura 0,8 mm.

Estado de conservação: completo, mas partido.

Há mais um anel deste tipo.

- 37 — A decoração deste aro em forma de fita é constituída por dois sulcos que envolvem a parte média do aro e por estrias oblíquas profundas, partindo daqueles para os bordos do aro.

Dimensões: D. 18 mm; d. 14 mm; altura 3 mm; espessura 1,8 mm.

Estado de conservação: incompleto, fragmentado e em decomposição.

(1) Pierre Abauzit, «Du chalcolithique au premier âge du Fer en Languedoc», *Revue Archéologique du Centre*, III (1964), p. 233, fig. 6. Este anel é considerado como sendo do Bronze Final III. Georges Fouet, «Puits funéraires d'Aquitaine», *Gallia*, XVI (1958), p. 142, fig. 21, n.º 303. O autor cita aqui um bracelete de ornamentação idêntica à deste anel e datado do século I a.C.

(2) W. M. Reinhart, *art. cit.*, p. 176, fig. 3, n.º 57. A mesa deste anel possui uma pedra.

- 38 — Este anel de espessura laminar apresenta uma decoração linear incisa constituída por uma série de estrias verticais, dispostas irregularmente, cortadas na sua parte média por dois sulcos longitudinais.
Dimensões: D. 20 mm; altura 3 mm; espessura 1 mm.
Estado de conservação: completo, mas partido em dois pedaços e torcido.
- 39 — Anel em forma de fita com decoração pontilhada em espirais e de extremidades abertas, sendo uma delas arredondada.
Dimensões: D. 20 mm; altura 6 mm; espessura 6,5 mm.
Estado de conservação: completo, mas com as extremidades fragmentadas.
- 40 — Anel fitiforme e de extremidades sobrepostas. Apresenta uma decoração pontilhada a contornar os dois bordos e um motivo oval repetido na parte média. As extremidades são mais largas do que o restante aro.
Dimensões: D. 18 mm; d. 15 mm; altura 5 e 6 mm; espessura 1 mm.
Secção em D.
Estado de conservação: completo, torcido e com uma extremidade fragmentada.
- 41 — Anel de aro fechado com mesa de decoração pontilhada, formando um rectângulo central e dois triângulos, enquadrados por duas linhas verticais também pontilhadas. O aro vai estreitando progressivamente para a parte posterior.
Dimensões: D. 18 mm; altura da mesa 5,5 mm; altura do aro 4,5 mm
(a mais estreita); espessura 0,9 mm.
Secção rectangular.
Estado de conservação: completo, mas muito torcido (1).
- 42 — Anel em forma de fita, com decoração metopada aberta a cinzel: rectângulos separados por dois sulcos verticais.
Dimensões: D. 16 mm; d. 15 mm; altura 2,8 mm; espessura 1,7 mm.
Estado de conservação: incompleto.
- 43 — Anel de aro fitiforme e com decoração denticulada imperfeita.
Dimensões: D. 16 mm; altura 2,2 mm; espessura 1 mm.
Estado de conservação: incompleto e ligeiramente torcido.

Há outro anel deste tipo, mas de aro mais estreito.

- 44 — Anel de mesa losangonal cujo aro fechado apresenta decoração idêntica à do anel anterior.

(1) Gisela M. A. Richter, *Catalogue of engraved gems*, Roma, 1956, est. LXV, n.º 598. Este anel apresenta, todavia, uma inscrição pontilhada na mesa e está integrado nos anéis romanos com inscrição dos séculos I a.C. a IV d.C.

Dimensões: D. 18 mm; altura da mesa 3 mm; altura do aro 2 mm; espessura 1,3 mm.

Estado de conservação: completo.

- 45 — Anel fitiforme, de aro fechado, cuja decoração denticulada se apresenta perfeita, formando figuras geométricas (losangos).

Dimensões: D. 17 mm; altura 2 mm (máxima); espessura 1 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo.

- 46 — Anel de aro fechado em forma de fita e com ornamentação denticulada perfeita aberta a cinzel, formando diversos polígonos, hexágonos e paralelogramos.

Dimensões: D. 17 mm; d. 17 mm; altura 2 mm; espessura 1 mm a 0,5 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo.

- 47 — Fita enrolada em círculo com decoração denticulada aberta a cinzel.

Dimensões: D. 19 mm; altura 3 mm; espessura 1 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: incompleto.

Há outro anel deste tipo.

- 48 — Anel fitiforme com decoração metopada: losangos separados por 3 sulcos verticais.

Dimensões: D. 20 mm; altura 2,8 mm; espessura 1,5 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: incompleto.

- 49 — Anel de mesa oval e extremidades sobrepostas, com decoração linear nas asas — 3 estrias verticais, de cada lado da mesa, que se apresenta menos espessa que o aro.

Dimensões: D. 20 mm; altura da mesa 4 mm; altura do aro 2,5 mm; espessura da mesa 0,1 mm; espessura do aro 1,1 mm.

Secção do aro em D.

Estado de conservação: completo, mas muito torcido (1).

- 50 — Anel de mesa oval e de asas salientes com decoração linear: 3 linhas verticais ladeando a mesa. Esta apresenta também uma ornamentação constituída por 3 linhas, formando entre si ângulos. O aro fecha pela sobreposição das extremidades, arredondadas.

(1) René Louis, «Informations — XIX^e circonscription historique», *Gallia*, XIV (1956), p. 312, fig. 7. A mesa deste anel é quase rectangular e tem mais sulcos verticais a ornamentá-la. Pertence a um túmulo merovíngio.

Dimensões: D. 20 mm; altura da mesa 5 mm; altura do aro 3 mm (máxima); espessura: 1 mm.

Estado de conservação: completo, mas muito carcomido (1).

- 51 — Anel de mesa quadrangular com ornamentação linear; dois sulcos contornam a mesa e, no centro, duas diagonais duplas. As asas têm um ornamento em forma de aspas.

Dimensões: D. 20 mm (provável); altura de mesa: 10 mm; altura do aro: 3 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: incompleto e partido em dois bocados.

- 52 — Anel de mesa elíptica soldada ao aro e com decoração linear: 9 incisões dispostas oblíqua e irregularmente (umas rectas e outras curvas).

Dimensões: D. 16 mm; altura da mesa 8 mm; altura do aro 2 mm; espessura 1 mm.

Secção do aro em D quase imperceptível.

Estado de conservação: completo.

- 53 — Anel de mesa oval, plana, com decoração figurativa esquemática duvidosa aberta a cinzel: uma figura que nos parece uma ave, no centro da mesa contornada por um pontilhado. Esta ornamentação está pouco perceptível. O aro, boleado, diminui para a parte posterior.

Dimensões: D. 22 mm; altura da mesa 8 mm; altura do aro 5 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: incompleto, carcomido e de extremidades fracturadas (2).

- 54 — Anel de aro boleado, fechado, e mesa oval com decoração figurativa esquemática, aberta a cinzel, de interpretação muito duvidosa: um pontilhado contorna a mesa e, no interior deste, a figura do que nos parece ser uma ave, cuja cabeça é formada por um círculo com uma espécie de resplendor e o corpo por traços ramificados. As asas da mesa estão ornamentadas por dois traços verticais e aspas. O aro adelgaça para a parte posterior.

Dimensões: D. 24 mm; altura da mesa 10 mm; espessura 2 mm (máxima).

(1) O anel apresentado por Reinhart, *art. cit.*, p. 176, fig. 3, n.º 59, tem um formato semelhante ao deste anel, porém a mesa possui uma cruz a ornamentá-la. Está incluído no grupo de anéis visigóticos procedentes de necrópoles de Espanha.

(2) Mendes Correia, «A necrópole de Parada Todeia», *O Archeologo Português*, XXVI (1923-24), p. 9, fig. 7. Há aqui um anel ornamentado com uma ave cujos contornos se aproximam da do n.º 53. Segundo o autor, esta ave lembra os palmípedes estampados na cerâmica pré-romana de Sabroso, os motivos zoomórficos das fíbulas de La Tène I e as pinturas de aves na cerâmica ibérica da 2.ª idade do ferro do SE espanhol.

Secção em D.

Estado de conservação: completo

Número do inventário geral: A 409.

- 55— Anel de mesa oval, plana, cuja ornamentação é constituída por um motivo de interpretação duvidosa no qual pretendemos ver um peixe muito esquematizado; duas linhas curvas formam o corpo; duas linhas em X, a cabeça e um ponto, o olho. Um pontilhado contorna a parte superior e inferior da mesa. O aro em forma de fita apresenta, posteriormente, um enfeite em aspas.

Dimensões: D. 16 mm; (provável); altura da mesa 6,5 mm; altura do aro 2 mm; espessura 0,9 mm.

Estado de conservação: incompleto.

Parece ser um anel visigótico (1).

- 56 — Anel de mesa circular decorada com cinco S, dispostos em cruz, sendo três deles separados por dois pontos. As asas, separadas do resto do aro, revestem a forma de uma folha, contornada por um sulco. O aro está fechado.

Dimensões: D. 23 mm; altura da mesa 11 mm; altura do aro 3 mm; espessura 1,5 mm.

Estado de conservação: completo, mas fragmentado numa das asas.
Secção rectangular.

Anel típico do Baixo Império Romano e época visigótica (2).

(1) Um anel publicado por D. Fernando de Almeida, «Arte visigótica em Portugal», *O Arqueólogo Português*, nova série, IV (1962), est. LXI, fig. 336, apresenta na mesa 3 peixes bem definidos.

(2) John Ward, *The Roman Era in Britain*, Londres, p. 267, fig. 76 N e O. Estes dois anéis apresentam um formato idêntico ao de Conímbriga, porém a mesa é elíptica e os ornamentos são diferentes. O autor não delimita com precisão a data destes achados. Sabemos só que pertencem à época romana imperial. *Antiquities of Roman Britain*, Londres, British Museum (1958), p. 25, fig. 13, n.º 3. O aro, de formato idêntico ao deste anel, apresenta uma secção circular e a mesa, octogonal, possui uma incrustação. Está integrado no grupo C da classificação de anéis aqui inserida e é considerado como sendo do século III e IV d.C.. M. Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, p. 101, fig. 30, n.º 10. Embora não seja exactamente igual ao de Conímbriga apresenta semelhanças flagrantes. É um anel do século III e começo do século IV d.C.. D. Fernando de Almeida, «Arte Visigótica em Portugal», *O Arqueólogo Português*, nova série, IV (1962), est. LXI, fig. 337. Embora apresente o mesmo tipo de ornamento é diferente do nosso anel. W. M. Reinhart, *art. cit.* p. 76, fig. 3, n.º 50. Este anel possui uma decoração em S, decoração essa característica de algumas fíbulas godas dos séculos V e VI d.C..

- 57 — Anel fitiforme, cujo aro, fechado por soldadura, apresenta letras gravadas, rodeadas por alguns pontos, formando dois grupos distintos separados por duas palmas. É possível que estas letras não façam sentido. Num dos grupos parecem ver-se as seguintes letras: NXIIN — e no outro XN (ou H) XHX. A letra II tanto pode ser um H, como um E, pois que o E cursivo representava-se, precisamente, por dois traços verticais (1). Se voltamos o aro ao contrário, a ordem destas letras passa a ser a inversa.

Dimensões: D. 20 mm; d. 17,5 mm; altura 5 mm; espessura 0,6 mm.
Estado de conservação: completo, mas aberto.

- 58 — Anel de mesa elíptica, saliente em relação ao aro boleado (2,5 mm) e com a seguinte inscrição: AVE. O aro vai diminuindo para a sua parte posterior.

Dimensões: D. 25 mm; altura da mesa 10 mm; altura do aro (máxima) 8 mm; espessura 4 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto.

- 59 — Anel de mesa circular, saliente em relação ao aro, formando como que um tronco de cone invertido e partindo duma base losagonal. Apresenta uma inscrição, constituída pelas seguintes letras — A M A O N —, que talvez representasse o nome da sua proprietária. Esta leitura poderá fazer-se a partir de qualquer das letras.

Dimensões: D. 22 mm; altura da saliência 7,5 mm; altura do aro 3 mm; espessura 2,2 mm.

Secção do aro em D.

Estado de conservação: incompleto.

- 60 — Anel de mesa rectangular, muito pouco perceptível em relação ao aro, fitiforme e de extremidades sobrepostas. O aro vai diminuindo de altura para as extremidades. A decoração da mesa é constituída por um losango e, no interior deste, uma cruz simples, incisos. Uma espécie de quadriculado ornamenta as asas da mesa.

Dimensões: D. 21 mm; d. 20 mm; altura da mesa 5 mm; altura mínima do aro 2,5 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: completo.

- 61 — Este anel de mesa oval e achatada apresenta igualmente uma decoração cruciforme: cruz simples com um ponto em cada extremidade. Encontram-se mais dois pontos, um de cada lado do aro, junto da mesa. Este é aberto e vai estreitando levemente para as extremidades arredondadas.

Dimensões: D. 20 mm; d. 18 mm; altura da mesa 8 mm; altura máxima do aro 5 mm; espessura da mesa 1,1 mm; espessura do aro 1 mm a 0,5 mm.

(1) René Cagnat, *Cours d'Épigraphie Latine*, Paris, (1914), pp. 3 e ss.

Secção do aro em D.

Estado de conservação: incompleto, pois tem uma das extremidades partidas (1).

62 — Anel de mesa oval, com incrustação que já não existe. O aro, boleado, vai adelgaçando progressivamente para a parte posterior.

Dimensões: D. 18 mm; altura da mesa 7 mm; altura do aro 1,5 mm; espessura do aro 1 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto e partido.

Há mais um fragmento de outro anel deste tipo.

63 — Tal como o anel anterior, apresenta uma mesa elíptica com incrustação, que desapareceu. O aro fechado vai diminuindo de altura para a sua parte posterior.

Dimensões: D. 16 mm; altura mínima do aro 2 mm; espessura máxima 1,8 mm.

Secção do aro em D.

Estado de conservação: incompleto, pois falta-lhe a pedra.

A forma destes dois últimos anéis é frequente e encontra-se, pelo menos, do século i ao m d.C. (2).

64 — A mesa circular deste anel, com incrustação, encontra-se 7 mm saliente do aro, apresentando a forma de um tronco de cone, com nítida separação daquele. O orifício de incrustação atinge a parte íntima do anel. O aro possui uma maior espessura na parte central e tem, aí, uma ranhura.

Dimensões: D. 14 mm; espessura do aro 4,5 mm.

Secção do aro quase circular.

Estado de conservação: incompleto, pois falta-lhe a pedra e um pequeno fragmento no interior (3).

(1) Wolfgang Hübener, «Schildförmige gurtelhaften der Merowingerzeit in Spanien und Mitteleuropa», *Madriider Mitteilungen*, 3 (1962), p. 155, fig. 2. A mesa deste anel não nos dá a ideia de estar saliente e parece ter um ponteados a contornar a cruz, sem pontos nos extremos. O aro é fechado. Trata-se dum anel merovíngio.

(2) Wemer Krämer, *Cambodunumforschungen* 1953 — I, 1957, est. 16, n.º 7. Esta estação arqueológica estende-se dos inícios do século i a meados do século m d.C. Hans-Günther Simon, «Die römischen Funde aus der Grabunger in Gross-Gerau, 1962-63», *Saalburg-Jahrbuch*, XXII (1965), p. 52, fig. 6, n.º 19. Este anel, de mesa todavia oval, está datado dos começos do século n d.C.

(3) Georges C. Boon, *Roman Silchester*, London, p. III, fig. 16, n.º 4. O formato deste anel é muito semelhante ao do anel citado anteriormente.

65 — Anel com remate em forma de folha de hera. Provavelmente, pertenciam à categoria dos anéis serpentiformes muito usados na época romana.

Dimensões: D. 17 mm; comprimento da folha 10 mm; espessura da folha 1,5 mm; espessura do aro 2 mm.

Secção do aro: circular.

Estado de conservação: incompleto (1).

Há ainda um fragmento de um anel que parece ser deste tipo, porém, sem as duas extremidades.

66 — Anel com remate em forma de lira e aro fítiliforme. Faz-nos lembrar pelo seu formato os anéis de chave romanos.

Dimensões: D. 20 mm; altura do aro 1,9 mm; espessura 1,2 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: incompleto e em decomposição (2).

Anel de latão

67 — Anel de mesa elíptica levemente pronunciada em relação ao aro onde se insere.

Este vai estreitando progressivamente para a sua parte posterior.

Dimensões: D. 14 mm; altura da mesa 10 mm; altura mínima do aro 4,5 mm; espessura 3 mm.

Secção do aro em D.

Estado de conservação: completo, mas em decomposição.

É o único anel neste metal procedente das escavações anteriores a 1962.

(1) Anita Büttner, «Figürlich verzierte Bronzen von Kastell Zugmantel», *Saalburg-Jahrbuch*, XX (1962), est. 3, n.º 3. O formato deste anel aproxima-se do anel n.º 65, o que nos leva a supor que este anel seja do mesmo tipo, mas mais imperfeito. Sabemos que o castelo foi destruído entre 120 e 130 d.C. Wemer Krämer, *ob. cit.*, est. 16, n.º 11. O formato deste anel serpentiforme aproxima-se do de Conímbriga. A estação arqueológica a que pertence estende-se dos inícios do século i a meados do século m d.C.

(2) J. P. Bushe-Fox, *Second Report on the excavations on the site of the Roman town at Wroxeter, Shropshire*, II, 1914, p. 12, fig. 5, n.º 20. Pertence ao tipo de anéis de chave muito em voga na época romana e aproxima-se do de Conímbriga. Esta estação arqueológica vai dos fins do século i e princípios do n.º aos fins do século iv d.C. Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, p. 101, fig. 30, n.ºs 24 e 25. Os dois anéis de bronze, com chave, fazem-nos lembrar o anel citado acima. O último destes anéis está datado do século ni ou iv d.C.

Anéis de cobre ou bronze

- 68 — Fita de cobre dobrada circularmente e de extremidades sobrepostas, uma arredondada e outra não, de dimensões diferentes. A sua decoração linear é constituída por uma mesa rectangular, central, ornamentada por sulcos duplos, que seguem as diagonais e descrevem quatro triângulos. Dois outros sulcos marcam os lados do rectângulo e separam-no do aro. Dois trifólios decoram as asas da mesa.

Dimensões: D. 20 mm; altura 7,5 mm a 4 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: completo.

Número do inventário geral: A 410.

- 69 — Anel de aro fitiforme aberto, com decoração floral aberta a cinzel: malmequeres separados por aspas pontilhadas; de cada lado do malmequer, 4 pontos formam uma espécie de losango; duas folhas losangonais compridas contornam as aspas, ora no interior ora no exterior destas; entre as aspas, vários pontos descrevem dois losangos com um ponto central.

Dimensões: D. 20 mm; altura 7 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: completo.

Número do inventário geral: A 407.

Anel de prata

- 70 — Anel de aro fitiforme, simples e fechado, cuja altura não se mantém uniforme.

É do mesmo tipo do anel de bronze n.º 9.

Dimensões: D. 20 mm; altura máxima 3 mm; espessura 1 mm.

Estado de conservação: completo.

Número do inventário geral: A 413.

- 71 — O aro poligonal deste anel apresenta o formato de um trapézio isósceles (na parte média anterior) e de um semi-círculo (na parte média posterior). A parte central do anel (base menor do trapézio) tem um orifício arredondado, que atravessa toda a sua espessura.

Dimensões: D. 22 mm; d. 18 mm; altura 4,5 mm a 2,5 mm; espessura 4 mm a 2 mm.

Secção quase quadrangular.

Estado de conservação: parece estar completo.

Anel característico dos séculos m e iv d.C. (1).

(1) Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, p. 101, fig. 30, n.º 5. Embora não seja igual ao anel considerado aqui, apresenta todavia

- 72 — Anel de prata com pedra vítrea convexa, verde-gelo, incrustada numa caixa da forma elíptica, com fundo horizontal e paredes convergentes. O aro de espessura laminar encontra-se decorado por dois sulcos incisivos, longitudinais, rodeados por uma espécie de espinhos.

Dimensões: D. 20 mm; d. 18 mm; altura do aro 3 mm; espessura 1 mm.
Secção rectangular.

Estado de conservação: completo, mas partido. A pedra encontra-se em mau estado de conservação: fragmentada e com crateras, picado miúdo e intenso e irisão prateada incipiente.

Este anel parece datar dos fins da época imperial romana ou da época visigótica (1).

Anéis de ouro

- 73 — Anel de mesa losangonal decorada com uma palmeta muito estilizada e de aro fino e boleado, que vai estreitando progressivamente para a sua parte posterior.

Dimensões: d. 17 mm; altura da mesa 4 mm. Peso: 1.500 mg.

Secção de aro em D.

Estado de conservação: completo, mas ligeiramente amolado.

Número de inventário geral: A 277.

Este tipo de anel é característico da época imperial romana (2).

um formato análogo. Cita-se nesta obra que o aro angular é típico do século n e iv d.C. Na p. 101, fig. 30, n.º 12 fala-se doutro anel de bronze, de aro angular, porém de mesa hexagonal furada, com o topo circular. Está datado como sendo do romano final. *British Museum, Antiquities of Roman Britain*, Londres, 1958, p. 25, fig. 13, n.º 2. O aro deste anel assemelha-se ao de Conímbriga mas possui mesá com incrustação. Está datado do século m ou iv d.C. e incluído no grupo B da classificação de anéis desta obra.

(1) R. A. Higgins, *Greek and Roman Jewellery*, Londres, est. 63, G. A mesa deste anel é todavia rectangular. O autor não delimita com exactidão a época a que pertence e dá-lo como sendo da época imperial. Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, p. 101, fig. 30, n.º 9. Embora seja exactamente igual ao de Conímbriga, a mesa é contudo igual, bem como o processo de a inserir no aro. É de bronze e, provavelmente, do século m d.C. H. Roosens, *Quelques mobiliers funéraires de la fin de Vépoque romaine dans le nord de la France*, Brugge, 1962, est. VI, n.º 7. Difere do anel n.º 72 no formato do aro e pertence ao romano final. W. M. Reinhart, *art. cit.*, p. 176, fig. 3, n.º 56. Este anel visigótico é de bronze.

(2) Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, p. 101, fig. 30, n.º 2. A mesa deste anel é oval. É provavelmente do século i d.C. Gisela

- 74 — Fita de ouro, dobrada certamente em círculo, cuja decoração é constituída por fios de ouro formando SS espiralados e por um estreito cordão contornando os dois bordos do anel, ornamentado com sulcos verticais.

Estado de conservação: partido, torcido e amolado (dá a impossibilidade de determinar o seu diâmetro exacto).

Dimensões: comprimento total da fita 50 mm. Peso: 1585 mg.

Este anel, pela sua decoração, parece ser da época bizantina (1).

- 75 — Anel de mesa oval com incrustação rodeada, exteriormente, por pequenas pérolas. O aro encontra-se decorado por uma fila de pérolas na sua parte média, ladeadas por sulcos longitudinais. O interior apresenta também dois sulcos longitudinais.

Dimensões: D. 20 mm; d. 16 mm; altura do aro 5 mm; espessura 1 mm.

Peso: 1.600 mg.

Estado de conservação: incompleto, pois falta-lhe a pedra; partido em três pedaços e um deles fendido.

Os anéis deste tipo parecem ser bizantinos (2).

- 76 — O aro deste anel apresenta-se recortado e formando uma espécie de losangos e hexágonos alternados. Tem duas pestanas bastante prolongadas, entre as quais se passou um eixo, e onde roda uma pedra de coral, barrilóide, rosa-claro.

Dimensões: D. 20 mm; comprimento da pedra 8 mm; altura máxima do aro 3,5 mm; espessura 1 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: completo.

Número do inventário geral: A 414.

M. A. Richter, *Catalogue of engraved gems*, est. LXIV, n.^o 574, 575. Estes dois anéis apresentam palmas gravadas na mesa, embora não sejam exactamente iguais ao de Conímbriga. A autora não precisa com exactidão a sua cronologia e considera, para eles, um período muito extenso — século i a.C. a iv d.C.

(1) Samuel dos Santos Gener, «Museo Arqueológico de Córdoba» — II — Un anillo relicario bizantino», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, V (1944), p. 90. O autor diz-nos que os bordos dos anéis semelhantes aos de Conímbriga são frequentes na decoração bizantina. Na p. 12 citam-se anéis do mesmo tipo do de Conímbriga mas não exactamente iguais e todos possuem mesa.

(2) Alejandro Ramos Folques, «Museo Municipal de Elche (Alicante)», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, est. XLVII, 1-6. Surgem aqui anéis ornamentados por pequenas pérolas, porém de formato muito mais simplificado que o do anel n.^o 75. São tipicamente bizantinos e datados dos séculos iv a x d.C.

Anel dos fins do século n ao século iv d.C. (1).

Anel de osso

77 — Anel de aro boleado e bordos de espessuras diferentes.

Dimensões: D. 20 mm; altura 5 mm; espessura máxima 3 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto e partido em dois bocados.

É o único anel neste material existente em Conímbriga e proveniente das escavações anteriores a 1962.

Anéis de vidro

78 — Anel de vidro preto, imitando azeviche, com forma lisa no interior e o exterior com aspecto de gomos verticais estreitos e salientes. É de tipo idêntico ao do bracelete n.º 30.

Dimensões: D. 20 mm; altura 6 mm; espessura máxima 2 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto.

79 — Anel de vidro preto e opaco com mesa oval, plana.

Dimensões: D. 20 mm; d. 16 mm; altura 6,6 mm; espessura máxima 4 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto. O vidro apresenta picado intenso em toda a sua superfície e algumas crateras.

80 — Anel de vidro negro e fosco, em forma de fita, mas cuja superfície externa se apresenta ligeiramente côncava.

Dimensões: D. 16 mm; altura 4 mm; espessura 1,2 mm.

Secção levemente em C.

Estado de conservação: incompleto. O vidro mostra picado em toda a sua superfície.

(1) R. A. Higgins, *Greek and Roman Jewellery*, est. 62-E e 63-D. Estes anéis não são exactamente iguais ao anel citado anteriormente. O autor considera para a sua datação o período de fins do século n ao século iv d.C. Manuel Heleno, «O tesouro da Borralheira (Teixoso)», *O Arqueólogo Português*, nova série, II (1953), fig. 2, n.º 1. Difere do anel n.º 76 no formato do aro, que não se apresenta recortado. Pertence à época imperial, como o demonstra a existência de moedas do princípio do século m d.C.

- 81 — Anel de vidro, negro e opaco, de aro liso no interior e cujo exterior se apresenta ornamentado por protuberâncias salientes (3 ordens de saliências) de forma losangonal.
Dimensões: D. 20 mm; altura 7,2 mm; espessura 3,5 mm.
Estado de conservação: incompleto. O vidro apresenta picado miúdo e algumas crateras.
- 82 — Anel de vidro, negro e fosco, com mesa oval quase redonda, saliente e de aro boleado.
Dimensões: D. 20 mm; d. 16 mm; altura do aro 4 mm; espessura 3,5 mm.
Secção do aro oval.
Estado de conservação: incompleto. O vidro mostra picado incipiente, além do desgaste causado pelo uso.
Número do inventário geral: A 441 (1).
- 83 — Fita de vidro incolor, dobrada em círculo e cujas extremidades ovais se sobrepõem. Faz-nos lembrar os anéis serpentiformes de metal.
Dimensões: D. 20 mm; altura 4 mm; espessura 1,8 mm.
Estado de conservação: uma das pontas está incompleta e apresenta leve irrisão multicolor, estrias e picado incipiente.
Número do inventário geral: A 412.

Pedras de anel

Provenientes das antigas escavações existem, em Conímbriga, 7 pedras de anel gravadas com motivos diversos.

- 1 — Pedra de anel oval, em ónix castanho-escuro com veio branco no centro, de mesa plana e lados talhados em bisel. Tem gravado um javali correndo para a esquerda e um cão entre as patas daquele animal, voltado igualmente para a esquerda.
Dimensões: D. 13,5 mm; d. 9,8 mm; espessura 3,1 mm.
Estado de conservação: completa.
Número do inventário geral: A 425 (2).

(1) François Eygun, «Circonscription de Poitiers», *Gallia*, XXI (1963), p. 460, fig. 32. Apresenta formato semelhante ao de Conímbriga e pertence à época romana imperial.

(2) Este mesmo motivo aparece em Gisela Richter, *Catalogue of engraved gems*, Roma, 1956, est. XXXVI, n.º 243, numa pedra que a autora data do século II ou III a.C. — o que, certamente, é uma data demasiadamente recuada para a pedra do anel de Conímbriga.

- 2 — Pedra de anel em vidro, oval, cor de vinho (quase lilás). A face superior, levemente convexa, tem entalhada uma figura ambígua, um grifo ou, menos provavelmente, esfinge ou capricórnio.
 Dimensões: D. 15 mm; d. 11 mm; espessura 2 mm.
 Estado de conservação: completa, mas ligeiramente fragmentada num dos bordos. Apresenta picado miúdo em toda a sua superfície.
 Número do inventário geral: A 427(1).
- 3 — Pedra de anel, oval, em cornalina, alaranjada, de bordos talhados em bisel e face superior levemente convexa. Tem gravada uma figura da Marte, de pé, voltada para a direita, com o escudo na mão direita, a lança na esquerda e a cabeça coberta com um capacete.
 Dimensões: D. 17 mm; d. 11 mm; espessura 4,5 mm.
 Estado de conservação: completa.
 Número do inventário geral: A 424.
 Mário Cardozo publicou já esta pedra (2).
- 4 — Pedra de anel oval, em vidro. Sobre uma mesa de vidro preto surge uma segunda camada de vidro azul-cobalto claro com um peixe gravado, que nada para a direita, muito mal impresso.
 Dimensões: D. 13 mm; d. 11 mm; espessura 2,5 mm.
 Estado de conservação: completo. O vidro apresenta picado miúdo em toda a superfície e algumas crateras.
 Número do inventário geral: A 423.
 Mário Cardozo publicou já esta pedra, cuja figura interpretou como um golfinho, atributo de Apoio, de Cibele, ou até de Neptuno (3).

Há outra pedra deste tipo embora o desenho não seja perceptível.

(1) Gisela M. A. Richter, *ob cit.*, est. XLIX, n.ºs 390 e 391. A esfinge aqui representada apresenta semelhanças com a figura de Conímbriga pois possui asas, mas tem cabeça humana e corpo de leão. Na est. L, n.ºs 400 e 403, surge-nos gravado o capricórnio com certa semelhança com a pedra de anel de Conímbriga. Na est. L, n.ºs 397 e 398 surge o grifo que se mostra muito mais parecido com a figura gravada na pedra n.º 2. Todos estes anéis não possuem uma datação precisa pois são considerados como sendo da época imperial.

(?) Mário Cardozo, «Pedras de anéis romanos encontradas em Portugal», *Revista de Guimarães*, LXXII, 1962, fig. 1. Gisela M. A. Richter, *ob. cit.*, est. XLI, n.ºs 294 e 298. Representa-se aqui Ares (Marte) ora vestido, ora não, porém não exactamente igual ao da pedra n.º 3. Pertencem estas pedras de anel à época imperial.

(3) Mário Cardozo, *art. cit.*, p. 160-161, fig. 5. Gisela M. A. Richter, *ob. cit.*, est. LXII, n.ºs 537 e 538. Não são exactamente iguais às de Conímbriga. Pertencem à época romana imperial.

- 5 — Pedra de anel oval, em ónix, castanho-âmbar, de face superior muito convexa. Tem entalhada a figura de um pequeno quadrúpede a correr para a esquerda.
Dimensões: D. 11,5 mm; d. 9 mm; espessura 4 mm.
Estado de conservação: completa.
Número do inventário geral: A 426.
Foi publicada também já por Mário Cardozo, que considera esta figura como um cavalo e põe a hipótese dela figurar como um atributo do Sol ou da Aurora (1).
- 6 — Pedra de anel em ónix, oval, com dois tons de azul: azul-escuro (quase negro) e azul-acinzentado. Esta é a cor da face superior, onde se encontra gravada uma figura masculina, de frente, com bastão na mão esquerda e túnica caindo do ombro direito.
Dimensões: D. 12 mm; d. 12 mm; espessura 2 mm.
Estado de conservação: incompleta e fragmentada, faltando a cabeça e o ombro direito da figura.
Número do inventário geral: A 428.
Mário Cardozo publicou esta pedra, cuja figura interpretou como Hércules, empunhando a clava na mão direita e a pele de leão na esquerda (2).
- 7 — Pedra de anel em cornalina circular, vermelha, de lados talhados em bisel; tem gravada a cabeça de um velho barbado voltado para a esquerda.
Dimensões: D. 13,5 mm; espessura 2,2 mm.
Estado de conservação: partida em dois pedaços e colada.
Número do inventário geral: A 422.

(1) Mário Cardozo, *art. cit.*, pp. 160-161, fig. 4. Gisela M. A. Richter, *ob. cit.*, est. LXI. Citam-se aqui pedras de anel da época imperial figurando animais, mas nenhuma exactamente igual à de Conímbriga.

(2) Mário Cardozo, *art. cit.*, pp. 160-161, fig. 3. H. Gallet de Santerre, «Circonscription de Languedoc-Roussillon», *Gallia*, XXIV (1966), p. 458, fig. 16. A figura aqui representada de um velho barbado não é exactamente igual à de Conímbriga. Foi encontrada perto de uma vila romana em Aiguefer. Gisela M. A. Richter, *ob. cit.*, est. LXI, n.ºs 459 a 461. Todas estas pedras representam a figura de um velho barbado, porém a do n.º 461 é a mais parecida com a citada. Pertencem à época imperial romana. Na estampa XXXIV, n.º 241 encontra-se igualmente a figura de um velho barbado gravada numa pedra, datada do século m a n a.C.. Esta peça de Conímbriga, aparecida sob os mosaicos do peristilo da casa dos repuxos, não pode ser anterior aos inícios do século m, data que parece dever atribuir-se a esses mosaicos.

BRINCOS

INTRODUÇÃO

Para bem compreendermos a evolução dos brincos (*inaures* na denominação latina) temos de remontar à sua origem (1).

O costume de furar as orelhas e de aí colocar um aro de metal veio do Oriente. Assim, egípcios e asiáticos usavam já os brincos nas suas duas modalidades: o brinco rígido, de uma só peça, geralmente curta, e o brinco de pingentes. Em Chipre, todavia, nota-se o aparecimento de uma nova modalidade de brinco — guarnição metálica ricamente ornamentada, cinzelada ou decorada, seguindo os contornos da orelha sobre a cartilagem. Tinha, por vezes, pingentes que desciam até ao pescoço.

Do Oriente, os brincos transitam para a Grécia e Roma. Os gregos, com o seu gosto muito requintado, permaneceram fiéis, durante muito tempo, ao brinco rígido de proporções modestas: uma simples rodela (ou escudo) ou um pingente. Porém, na época helenística e greco-romana vemos surgir as formas plásticas e complicadas, os conjuntos de rosáceas e correntes e figuras de todos os géneros: animais, pássaros, Eros, etc. Ao mesmo tempo, aplicam-se também na sua confecção as pérolas e as pedras preciosas. No Baixo-Império Romano e no tempo dos imperadores de Constantinopla os brincos tornam-se exagerados no seu formato, fazendo-nos lembrar, assim, a barbárie das primeiras idades.

É de assinalar, todavia, que os homens não usavam brincos, quer entre gregos, quer entre romanos, o que não sucedia nas civilizações orientais. Igualmente gregos e romanos não se deixaram cair inteiramente nos exageros orientais, conservando sempre um gosto sóbrio.

Pelos autores latinos temos conhecimento do excessivo gosto que as damas romanas tiveram pelas jóias, apesar das proibições da Lex Oppia e da política de morigeração dos costumes, de Catão.

(1) Vide Cagnat e Chapot, *Manuel d'Archéologie Romaine*, Paris, 1920, Tomo II, pp. 400 ss. e Saglio e Daremberg, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, voc. *inaures*

Há uma característica essencial do brinco romano que o distingue dos precedentes: a importância dada às pérolas e pedras preciosas. Embora os gregos já as tivessem usado, visavam, porém, uma finalidade diferente ao servirem-se delas: valorizar a beleza do ouro e das cinzeladuras pelo contraste das cores. Mas, com os romanos, a pérola e a pedra preciosa tornam-se a parte essencial do brinco. No Império, esta paixão pelas pérolas tornou-se grande loucura e causa de profundas rivalidades.

Podemos considerar várias modalidades de brincos: *uniones*, pérolas unidas num engaste; *elenchi*, pendentes em forma de pequenas peras ou alabastros; *crotalia*, dois ou três conjuntos suspensos de cada orelha e que, ao entrechocarem-se, faziam um certo barulho, o que deu o nome a este conjunto. Os brincos com o aro em forma de cabeça humana, ou de animal, ou com contas, aparecem ainda no Egito e Oriente no século n a.C. Porém, em Pompeia e Tebas, no período de Augusto, sobrevive uma versão degenerada do brinco com cabeça de animal. Nos séculos i e n d.C. era muito comum o brinco composto, basicamente, por um pendente maçudo e aro em forma de S. O tipo de forma esférica aparece súbitamente no século i d.C. e acaba no século ii. É constituído por um hemisfério de ouro e aro em forma de S, no dorso. Deriva dos brincos do período final da civilização etrusca (1). No Baixo Império, os pendentes atingem enormes proporções e são formados por várias correntes.

Os brincos foram, sem dúvida, das jóias mais procuradas pelas damas romanas, nas suas diversas modalidades: simples pérola presa por um fio, *uniones*, *crotalia* ou o modelo anular dos gregos, terminado em cabeça de animal. A combinação mais complicada é o crescente-lunar do qual pende uma ânfora rodeada de correntes de natureza diversa. Estes variados formatos de brincos podem ser observados quer directamente nos exemplares provenientes de Pompeia, quer, indirectamente, através das pinturas desta cidade.

(1) Reynold Higgins, *Greek and Roman Jewellery*, pp. 40 ss.

DESCRIBÇÃO

Brincos de bronze

- 1 — (Fig. 85) Fio de bronze, possivelmente dobrado em círculo e de extremidades ponteadas. Deveria ter provavelmente um ornamento numa das extremidades.

Dimensões: D. 20 mm; d. 16 mm; espessura 1,5 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: incompleto e torcido.

Há outro filamento deste tipo, mas mais pequeno (1).

- 2 — (Fig. 86) Brinco de bronze, de aro fitiforme, adelgaçando para as extremidades. A extremidade mais larga tem uma pequena argola, formada pelo enganchamento do aro e que, possivelmente, sustentaria um pendente.

Dimensões: D. 14 mm; d. 12 mm; espessura 1 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: incompleto e partido em dois bocados.

Parece ser uma forma de brinco comum às épocas romana e merovíngia (2).

- 3 — (Fig. 87) Fio de bronze, de aro fino e secção circular, dobrado em círculo e com as extremidades enganchadas e entrelaçando-se mutuamente.

Dimensões: D. 17 mm; espessura 1,1 mm.

Secção circular.

(1) M. de Bœttger, «Circonscription de Haute et Basse Normandie», *Gallia*, XXIV (1966), p. 264, fig. 10. Este brinco possui, como ornamento, uma espécie de cubo. J. P. Bushe-Fox, *Third report on the excavations on the site of the Roman town at Wroxeter, Shropshire*, Oxford, 1916, est. XXI, fig. I, n.º 8. Este achado da época romana imperial possui um ornamento.

(2) J. Cl. Courtois, «Objects provenant d'un cimetière protohistorique et gallo-romain à Lanslevillard», *Gallia*, XIX (1961), p. 246, fig. 3. Este brinco romano datado do século I ou II d.C. tem um pendente como adorno. Wolfgang Hübener, «Schildförmige gurtelhalften der Merowingerzeit in Spanien und Mitteleuropa», *Madriider Mitteilungen*, 3 (1962), p. 156, fig. 3. O aro deste brinco merovíngio apresenta-se fechado e mostra uma pequena argola nele introduzida.

Estado de conservação: completo, mas com um dos ganchos partidos.
Número do inventário geral: A 408(1).

- 4 — (Fig. 88) Aro de bronze de uma extremidade mais larga e estreitando, progressivamente, para a extremidade oposta. As extremidades sobrepõem-se.

Dimensões: D. 27 mm; d. 25 mm; espessura 2 mm a 1 mm.

Secção circular transformando-se gradualmente em D, que é a secção da extremidade maior.

Estado de conservação: completo.

- 5 — (Fig. 89) Este brinco apresenta um formato idêntico ao do anterior, mas menores dimensões. Está decorado com sulcos verticais, que parecem ter revestido todo o aro, mas de que só são visíveis dois na extremidade mais larga. Os extremos sobrepõem-se levemente. Parece ser oco.

Dimensões: D. 17 mm; d. 15 mm; espessura 2 a 1 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: completo, mas com a extremidade afuselada fragmentada.

Os brincos 4 e 5 são, possivelmente, da Idade do Ferro (2).

- 6 — (Fig. 91) Brinco de aro em forma de fio e cujas extremidades, de espessuras diferentes, são menos grossas do que a parte central. Uma delas termina num bico que parece encaixar no extremo da maior, que se apresenta ornamentada por uma série de sulcos formando 3 gomos pouco salientes.

Dimensões: D. 26 mm; d. 24 mm; espessura máxima 2 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: completo, mas ligeiramente torcido.

Este tipo de brinco parece ser comum às épocas romana e visigótica (3).

(1) Gratiano Nieto Gallo, «Los fondos visigodos del Museo Arqueológico de Valladolid», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, III (1942), est. LXXVI, n.º 2. É proveniente de urna necrópole visigótica com muitas reminiscências romanas e apresenta um pendente formado de contas enfiadas.

(2) Fernando Collantes de Terán, «La collección arqueológica municipal de Sevilla», *Memórias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, III (1942), est. LV, n.º 2. É considerado como um achado pre-histórico. L. Lerat, «Circonscription de Franche-Conté», *Gallia*, XXIV (1966), p. 353, fig. 10, n.º 26. É considerado como sendo da Idade do Ferro. Margat e Cannus, «La nécropole de Bonia au Tafilalt», *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, III (1958-59), p. 367, est. VII. É considerado como pertencente às populações berberes dos primeiros séculos.

(3) César Pires, «Sepulturas romanas de Bencafede», *O Archeólogo Português*, II (1896), p. 278. O fecho deste brinco romano apresenta maiores propor-

Brinco de Ouro

- 7 — (Fig. 90) Brinco fitiforme de ouro apresentando uma pequena argolinha na parte exterior do círculo. O seu formato aproxima-se do do brinco n.º 2.

Dimensões: D. 18 mm; d. 17,2 mm; espessura 1,2 mm. Peso: 1010 mg.
Secção circular.

Estado de conservação: incompleto e partido no aro e na argolinha.

Este brinco é de época romana (1).

OS BRACELETES

INTRODUÇÃO

Os braceletes e, duma maneira geral, os anéis usados nos braços e pernas são numerosos e encontram-se entre os povos mais antigos (2).

Na época neolítica usavam-se já braceletes de pectúnculo; todavia a pouco e pouco, no Eneolítico e Bronze Inicial, vão-se utilizando os metais, e, em plena Idade do Ferro, usa-se também o vidro (3).

ções do que o de Conímbriga. D. Fernando de Almeida, «Arte visigótica em Portugal», *O Arqueólogo Português*, nova série IV, est. LX, fig. 332. Embora estes dois brincos sejam do mesmo tipo do do brinco n.º 6, têm enfeites diferentes: uma saliência cúbica, num, uma esfera ladeada por dois toros, no outro. Fernando Jiménez de Gregorio, art. cit., p. 217, fig. 32. É considerado como um pendente visigótico.

(1) Alejandro Ramos Folques, «Museo Municipal de Elche», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, IX-X, (1948-49), est. XLVII, n.ºs 10 e 16. Dois destes brincos têm pendentes e os outros dois não. São achados do Baixo Império. Diz-nos o autor que o aro destes brincos se assemelha ao dos brincos do Museu Nacional de Nápoles que Breglia classifica como sendo da época greco-romana.

(2) O leitor que desejar informar-se melhor sobre este assunto poderá consultar Cagnat e Chapot, *Manuel d'Archéologie Romaine*, Paris, 1920, Tomo II, p. 400 ss. e Saglio e Daremberg, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, voc. *anulus*.

(3) Mário Cardozo, «Pulseiras antigas de vidro encontradas em Portugal», *Revista de Guimarães*, LXXI (1961), pp. 50 e ss.

O mundo nórdico europeu (danubiano, renano e escandinavo) deu uma notabilíssima civilização do bronze, onde é digna de nota a ourivesaria geométrica nórdica e hallstática. Notas importantes desta civilização são a falta do elemento figurativo e o comum elemento geométrico (1).

O gosto pelos braceletes passou das gentes orientais para os gregos, etruscos e romanos, cujas mulheres os usavam em todos os tempos e condições. Foram também objecto de adorno masculino, embora em menor proporção, já que constituíam sinal de efeminação e de luxo exagerado. Houve, inclusivamente, imperadores que os usaram, como Calígula, Nero, Heliogábalo, etc.

Várias foram as denominações dadas, tanto pelos gregos como pelos romanos, aos braceletes, quer no respeitante às formas dos seus ornamentos, quer à maneira como eram usados. Foquemos, particularmente, os nomes latinos; *armilla* era o termo mais usual; *brachiale* ou *torques brachiales et spinter* eram braceletes usadas no antebraço; porém a partir de Festus, passou a aplicar-se este nome ao bracelete que se usava no braço esquerdo; *dextrocherium* ou *dextrale* era bracelete usado no braço direito; *spatialium*, o bracelete usado no braço e no punho; *periscelides*, os braceletes que rodeavam as pernas, acima do tornozelo. Em pinturas de Pompeia pode ver-se esta modalidade de braceletes.

A maior parte das mulheres gregas usavam os braceletes quase sempre nos dois braços e, por vezes, dois no mesmo braço; um no punho e outro entre a espádua e o cotovelo. Traziam-nos também nas pernas.

Várias foram as modalidades e os formatos que os braceletes revestiam. Houve, todavia, formas muito simples, comuns aos gregos, etruscos e romanos. É o caso dos braceletes serpentiformes, enrolados em espiral, com uma ou mais voltas, bem como dos que consistiam num simples círculo plano, ou cilíndrico, ou num fio mais ou menos extenso de metal. Alguns são abertos e aderem ao braço por simples pressão; outros apresentam dois segmentos ociosos cujas extremidades, de grossura desigual, penetram uma na outra.

Na época romana, o tipo de bracelete serpentiforme difunde-se rapidamente no século I a.C. na Itália meridional e está em ligação

(1) Giovanni Beccati, *Oreficerie Antiche dalle Minoiche alie Bar baric he*, 1955, pp. 13 e 58.

com os braceletes serpentiformes egípcios, relacionados com o culto de Isis e Serápis (1). Afirma-se, porém, a tendência a reduzir as circunvoluções e acontece, às vezes, que a cauda da serpente é substituída por uma segunda cabeça, que vem defrontar-se com a primeira, deixando entre elas um pequeno intervalo. O aro podia ter, por vezes, pingentes ou bulas.

No fim do Alto Império nota-se uma predileção especial pelos grossos fios de metal que se enrolavam juntos, em hélice, em volta de um fio central (como no nosso bracelete n.º 9).

O ajustamento das duas extremidades fazia-se de muitas maneiras: por anéis, ganchos, discos, cabeças de animais, ou por uma grande gema.

Era notável também no Império o gosto que os Romanos tinham pelos braceletes de medalhas geralmente com a efigie dos imperadores. Outras vezes eram ornamentados com pedras preciosas.

No século iv surge um novo tipo de bracelete, depois muito em voga na época bizantina — bracelete de trabalho manual (2).

Plínio fala-nos ainda de braceletes ocos onde se guardava uma substância que servia de remédio, de amuleto ou veneno.

O *calbeus* ou *galbeus*, bracelete dado como recompensa aos militares, recebiam-no os soldados romanos, como prémio, das mãos do seu general e, mais tarde, do imperador. Revestia a forma de três espirais enroladas em volta do punho direito. No século n as *armillae* eram reservados aos soldados e centuriões. É provável que os romanos fossem buscar este costume aos Sabinos.

Os *periscelides*, braceletes que se usavam nas coxas ou nas pernas, junto dos tornozelos, são bastante antigos, tão antigos como as mais antigas civilizações orientais, e o seu uso passou para os gregos, etruscos e romanos. Além de servirem de ornamento, eram também profiláticos contra a infelicidade. A sua forma mais simples era a de um fio ou fita, tendo, acidentalmente, uma pérola ou fila de pérolas ou bolas na extremidade. Podia revestir o formato de um simples ou duplo rosário de pérolas, mais ou menos grandes, ou ainda o de uma serpente. Parece que os romanos restringiram o uso do *periscelides* às mulheres e muito especialmente às cortesãs. Plínio designa-os por *compedes*.

(1) Giovanni Becatti, *ob. cit.*, pp. 113 a 118.

(2) Reynold Higgins, *Greek and Roman Jewellery*, pp. 40 e ss.

Os braceletes faziam-se de ouro, prata, bronze, ferro, marfim, âmbar, coral, vidro, pasta vítrea, etc. Estes últimos materiais eram enfiados, por vezes, em forma de pérolas ou de cilindros. O vidro, muito usado na confecção dos braceletes bem como nas outras jóias (contas de colar e anéis) passou a usar-se no Ocidente, em larga escala, em plena Idade do Ferro, apesar do seu aparecimento a partir de meados da Idade do Bronze (1).

Classificação tipológica dos braceletes.

Confrontando os braceletes existentes em Conímbriga podemos considerar a existência de alguns grupos. Assim, nos braceletes de bronze, formámos os seguintes grupos:

- I — Braceletes de fecho em gancho (1 e 2)
- II — Braceletes de fecho por torção (3-6 e 9)
- III — Braceletes de aro com decoração linear (12-14)
- IV — Braceletes de remate serpentiforme (18 e 19)

Quanto aos braceletes de vidro, podemos distinguir três formas fundamentais:

- I — Braceletes de aro liso e secção em D (24 e 25)
- II — Braceletes de aro canelado (26-30)
- III — Bracelete de aro torcido (31)

DESCRIÇÃO

Braceletes de bronze

- 1 — Bracelete de bronze de aro filiforme e fechando por meio de enganchamento das extremidades, que penetram uma na outra.
Dimensões: D. 62 mm; d. 55 mm; espessura 2 mm.

(1) Mário Cardozo, «Pulseiras antigas de vidro encontradas em Portugal», *Revista de Guimarães*, LXXI (1961), pp. 50 e ss.

Secção circular.

Estado de conservação: completo, mas torcido.

2 — Formato idêntico ao anterior, mas de dimensões mais reduzidas.

Dimensões: D. 45 mm; d. 40 mm; espessura 1,6 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: completo.

Este tipo de bracelete de aro filiforme e extremidades em forma de gancho é comum a várias épocas: fim de Hallstatt, época de La Tène, época galo-romana, época visigótica e época carolíngia (1).

3 — Bracelete de aro cilíndrico e fecho por torção, que ocupa um quarto da superfície de aro. Este estreita progressivamente para as extremidades.

Dimensões: D. 44 mm; d. 40 mm; espessura 2 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: completo.

4 — O fecho deste bracelete filiforme apresenta as extremidades sobrepostas e de pontas enroladas no aro. Ocupa cerca de um quarto da superfície total do aro.

Dimensões: D. 37 mm; espessura 1 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: completo mas muito decomposto.

5 — Bracelete de aro em forma de fio e fecho por torção, de extremidade em espiral.

Este ocupa uma pequena porção do aro, que adelgaça para as extremidades.

Dimensões: D. 55 mm; espessura 2 mm.

(1) René Joffroy, «La tombe à char de Pemant», *Gallia*, XXI (1963), p. 7, fig. 8. É de ouro. Estes achados arqueológicos pertencem ao fim da época de Hallstatt ou à de La Tène I. L. Lerat, «Circonscription de Besançon», *Gallia*, XXII (1964), p. 387, fig. 16, n.º 8. Apresenta todavia ornamentos. Pertence a uma sepultura da época de La Tène, a ou b. G. Farenc e A. Soutou, «Documents inédits d'E. Cabié sur le Champ d'umes de Gabor», *Ogam*, XII (1960), p. 147, fig. 6, n.º BB 26. Este bracelete pertence a um cemitério gaulês. François Eygun, «Circonscription de Poitiers», *Gallia*, XIX (1961), p. 419, fig. 38. O autor considera-o como um brinco. É de ouro e pertence a uma sepultura galo-romana. Fernando Jimenez de Gregorio, «Hallazgos en La Vega de Santa Maria en el término de Mese-gar», *Archivo Español de Arqueología*, XXXVIII, (1965), p. 184, fig. 17. O fecho deste bracelete não é exactamente igual ao de Conímbriga. É um achado visigótico. A. Roes, *Vondsten Van Dorestad*, 1965, est. III, n.º 19. Esta estação arqueológica teve o seu apogeu na época carolíngia (séculos viii e ix) e parece ter deixado de existir em 860 d.C.

Secção circular.

Estado de conservação: completo mas em decomposição incipiente.

Número do inventário geral: A 404.

Este tipo de bracelete de aro filiforme e fecho por torção encontra-se na época de La Tène III e por todo o período romano (1).

Há outra pulseira deste tipo.

- 6 — Este bracelete apresenta, igualmente, um fecho por torção e de extremidades em espiral que ocupa pequena parte do aro. Este mostra decoração denticulada aberta a cinzel, motivo este que se repete por três vezes intervaladas. Esta ornamentação é idêntica à dos anéis n.ºs 43 e 44. O aro estreita para junto do fecho.

Dimensões: D. 65 mm; d. 62 mm; espessura máxima 2,6 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo.

Bracelete romano dos séculos ii a iv d.C. (2).

- 7 — Bracelete de aro filiforme com uma protuberância afunilada junto de uma das extremidades.

Dimensões: D. 60 mm; d. 55 mm; espessura 2 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: incompleto (3).

(1) A. Beltran, *Arqueologia Clásica*, p. 85, fig. 38, n.º 17. É datado da época de La Tène III. Tomás Gómez Infante, «Museo Arqueológico de Badajoz», *Memórias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, Madrid, 1942, est. VIII, n.º 1. É considerado uma jóia pré-romana. G. S., «Objects recueillis dans le colecteur», *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, II, 1957. A maior parte dos objectos aqui encontrados é romana. P. F. Fournier, «Circonscription de Clermont-Ferrand», *Gallia*, XXI (1963), p. 491, fig. 12. John Ward, *The Roman Era in Britain*, Londres, p. 267, fig. 76B. Não há uma delimitação exacta para a datação destes achados. São considerados como sendo da época romana imperial. M. Adrien Bruhl, «Informations— XIV^e circonscription historique», *Gallia*, XIV (1956), p. 264, fig. 5. Este bracelete é galo-romano.

(2) Julian Grey, «Circonscription de Lyon», *Gallia*, XVI (1958), p. 357, fig. 11. É de ouro o brinco aqui apresentado semelhante a este bracelete de Conímbriga e datado do século n a iv d.C. Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, est. XL, n.º 4. Este bracelete pertence à época romana imperial. *British Museum, Antiquities of Roman Britain*, Londres, 1958, p. 15, fig. 7, n.º 10. A secção deste bracelete de ouro, datado do século ui d.C., é circular.

(3) J. Cl. Courtois, «Objects provenant d'un cimetière protohistorique et galo-romain à Lanslevillard (Savoie)», *Gallia*, XIX (1961), p. 247, diz-nos que os

- 8 — Pequeno fragmento dum bracelete, semelhante à cauda de uma serpente e, daí, pertencer, possivelmente, à categoria dos braceletes serpentiformes. Falta-lhe, contudo, a outra extremidade, onde deveria estar a cabeça do animal. Apresenta uma decoração linear, dividida em duas partes por três sulcos centrais: uma junto da cauda, formando um ornamento em espinha; e outra, ornamento em X.

Estado de conservação: muito incompleto; e daí a impossibilidade de determinar o seu diâmetro.

- 9 — Bracelete de bronze de fecho por torção, de extremos em espiral, e cujo aro se apresenta igualmente torcido. O fecho ocupa cerca de um quinto da superfície do aro.

Dimensões: D. 80 mm; espessura máxima 21 mm.

Estado de conservação: completo, mas muito decomposto.

Forma de bracelete comum ao final da Idade do Bronze, à do Ferro e à época romana (1).

- 10 — Bracelete de aro boleado e aberto e de extremidades formadas por dois troncos de pirâmide unidos por um cordão, na parte mais estreita, com os cantos ligeiramente boleados. Faz lembrar, pelo seu formato, um torques. A decoração do aro é feita por um motivo que se repete por três vezes, de espaço a espaço: sulcos paralelos e inclinados ladeados de outros em forma de ângulos agudos.

Dimensões: 65 mm; espessura 4 mm e 3 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: completo.

Número do Inventário Geral: A 398.

Há outro bracelete igual a este. Este tipo de bracelete manteve

braceletes filiformes são considerados como do fim da época de La Tène e começo da época galo-romana.

(1) Pierre Durvin, «Le village protohistorique de Thivemy et son milieu archéologique», *Ogam*, XIII (1961), p. 553, fig. 7. Este bracelete considerado como sendo da época de Bronze, provavelmente do Bronze Recente, não possui fecho igual ao de Conímbriga. Odette et Jean Taffanei, «La nécropole hallstattienne de Las Fados», *Gallia*, VI (1948), p. 7, fig. 9, n.º 62, Achado da época de Hallstatt. Ernest Will, «Circonscription de Lille», *Gallia*, XXI (1963), p. 327, fig. 7. Este bracelete encontrado num cemitério gaulês de Pemant, do período de La Tène I, difere do de Conímbriga pelo seu fecho. Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres 1946, est. XL, n.º 6. O fecho difere do de Conímbriga e o fio interior do aro é de ferro. É um achado da época romana imperial. W. Whiting, W. Hawley e Thomas May, *ob. cit.*, est. LVIII. O fecho é diferente. É um achado da época romana imperial.

a mesma forma durante várias épocas: fim da Idade do Bronze e Idade do Ferro (1).

11 — Bracelete de aro laminar e de extremidades sobrepostas, uma mais estreita do que a outra.

Dimensões: D. 50 mm; d. 48 mm; espessura 1,1 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo, mas torcido e carcomido.

Há mais um fragmento dum bracelete deste tipo. Esta forma de bracelete parece ser comum a várias épocas: pré-romana, romana e visigótica (2).

12 — Bracelete de aro laminar e extremidades sobrepostas com decoração linear: sulcos verticais e oblíquos, que por vezes se cruzam. A altura diminui para as extremidades.

(1) François Eygun, «Une cachette de fondeur de la fin de l'Age du Bronze à Challons (Vendée)», *Gallia*, XV (1957), pp. 82 e 83, ests. 6 e 7. Assemelham-se ao bracelete de Conímbriga e pertencem ao fim da Idade do Bronze. Jean Jacques Hatt, «Informations — XVIII^e Circonscription» *Gallia*, XII (1954), p. 488, fig. 4. Há aqui alguns braceletes deste tipo, da época de La Tène I, porém não são ornamentados. Ernest Will, «Circonscription de Lille», *Gallia*, XXI (1963), p. 327, fig. 6. É do mesmo tipo do de Conímbriga, embora não seja exactamente igual a este. Pertence a um cemitério gaulês do período de La Tène I. L. Lerat, «Circonscription de Besançon», *Gallia*, XXII (1964), p. 387, fig. 16, n.º 6 e 7. Não são ornamentados e as extremidades, do mesmo tipo do bracelete n.º 10, não são exactamente iguais. Estes braceletes foram encontrados numa sepultura do período de La Tène I, a ou b. A. Beltran, *Arqueologia Clássica*, p. 82, fig. 35, n.º 7, 10 e 11, cita alguns braceletes da época de La Tène I, porém não totalmente iguais ao de Conímbriga, embora do mesmo tipo. Paul Wemert, «III^e Circonscription», *Gallia*, XI (1953), p. 314, fig. 5, n.º 3. O autor considera este achado da época de La Tène como um brinco, cujo formato se assemelha ao de Conímbriga, porém com ornamentos e extremos diferentes. Jerzy Potocki e Zenon Wozmak, «Les Celtes en Pylogne», *Ogam*, XIII (1961), est. XXVI, fig. 2, n.ºs 1, 2 e 3. São datados do ano 300 a.C. ou da 1.^a metade do século em a.C. mas não são exactamente iguais a este.

(2) Tomás Gómez Infante, «Museo Arqueológico de Badajoz», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, 1942, est. VIII, 1. É uma jóia hispânica pré-romana. Héli Roosens, *Quelques mobiliers funéraires de la fin de Vépoque romaine dans le nord de la France*, Brugge, 1962, est. III, n.º 9. As extremidades deste bracelete, dos fins da época romana, são ornamentadas por círculos. Fernando Jiménez de Gregorio, *art. cit.*, p. 184, fig. 17. Este bracelete está incluído entre os achados visigóticos.

Dimensões: D. 38 mm; d. 35 mm; altura 5 mm e 4 mm, espessura 21 mm.
 Secção rectangular.
 Estado de conservação: completo mas em decomposição.

13—Bracelete de aro fitiforme com decoração linear: linhas oblíquas quase perpendiculares e paralelas entre si.

Dimensões: D. 44 mm; d. 38 mm; altura 3,5 mm; espessura 1,5 mm.
 Secção rectangular.
 Estado de conservação: incompleto.

14—Bracelete de aro em forma de fita e decoração linear: sulcos paralelos no sentido da vertical, separados por um ornamento em forma de X ladeado por quatro pequenos sulcos triangulares (2 de cada lado) abertos a cinzel.

Dimensões: D. 57 mm; d. 54 mm; altura entre 1,5 e 4,5 mm.
 Secção rectangular.
 Estado de conservação; incompleto e ligeiramente corroído.

Os braceletes de aro laminar com decoração linear parecem datar da Idade do Ferro (1).

15—Pequeno fragmento de bracelete de espessura laminar e aro recortado e com círculos incisos no seu interior. Um sulco envolve a parte média do aro.

Dimensões: D. 60 mm; altura 5,8 mm; espessura 1,1 mm.
 Secção rectangular.
 Estado de conservação: muito incompleto e em decomposição.

16—Pequeno fragmento da extremidade de um bracelete, de espessura laminar, com decoração linear denticulada. O aro vai adelgaçando para a extremidade onde parece formar um pequeno gancho.

Dimensões: D. 6 mm (provável); altura 4 mm (máxima); espessura 1 mm.

(1) Bernhard Stumpel, «Bodendenkmalpflege-Bericht 1957/58», *Mainzer-zeitschrift* 54 (1959), p. 67, fig. 13. A secção do aro deste bracelete apresenta-se em D, porém a sua ornamentação é idêntica à do bracelete n.º 14. O autor considera-o como da época de Hallstatt. M. Le Glay, «Circonscription de Grenoble», *Gallia*, XXII (1964), p. 541, fig. 49. Estes braceletes de aro fechado pertencem a uma necrópole da época de La Tène. J. Cl. Courtois, «Objects provenant d'un cimetière protohistorique et gallo-romain à Lanslevillard (Savoie)», *Gallia*, XIX (1961), p. 247, fig. 5. Estes braceletes pertencem ao mobiliário funerário dum cemitério do fim da época de La Tène e começo da época galo-romana. Jacques Gourvest, «Les tumules du quartier de Beauregard», *Ogam*, XI (1959), p. 252, est. XXXI, n.º 12. A necrópole a que pertence este bracelete estende-se desde a I.ª Idade do Ferro até à época merovíngia.

Secção rectangular.

Estado de conservação: muito incompleto, torcido e em decomposição inicial (1).

17— Este anel de aro laminar apresenta um fecho curioso, onde as duas extremidades do aro se podem mover uma sobre a outra.

Dimensões: D. 46 mm; d. 42 mm; altura 5 mm; espessura 1 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: incompleto.

Trata-se de um achado romano, possivelmente do Baixo Império (2).

18— Pedaço de bracelete serpentiforme de aro laminar. Este apresenta, na extremidade, os contornos de uma cabeça de serpente, achatada, vista de perfil com um orifício circular (o olho) rodeado por sulcos angulares. Desta cabeça sai o aro, mais saliente, ornamentado por pequenos sulcos, abertos a cinzel, formando uma espécie de espinha.

Dimensões: D. 75 ou 80 mm; altura 3,5 mm; espessura 1,5 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação; muito incompleto.

19— Bracelete serpentiforme e de aro em forma de fita. A extremidade mostra-nos também a cabeça achatada de uma serpente, mas vista de frente, e parte do corpo: um sulco marca-lhe a parte média e, de cada lado deste, um orifício indica o olho. Seguem-se-lhe sulcos triangulares abertos a cinzel descrevendo uma espécie de espinha. Seguidamente, vê-se o aro do bracelete decorado, de onde a onde, por sulcos verticais e paralelos; na ligação deste com a serpente vemos porém um ornamento em X, entre duas estrias verticais, e dois sulcos angulares, abertos a cinzel, ladeando o aro e dentro do mesmo X.

Dimensões: D. 60 mm; altura 6 mm; espessura 1,5 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: incompleto.

(1) James Laver, *Costume in Antiquity*, p. 17, n.º 1. Este bracelete da Idade do Bronze, embora apresente as extremidades análogas à do bracelete n.º 16, possui, todavia, o aro cilíndrico. Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, p. 102, fig. 31, n.º 2. Embora não seja exactamente igual ao bracelete citado anteriormente, o seu processo de fechar parece idêntico. É um achado romano.

(2) J. P. Bushe-Fox, *Second Report on the Excavation of the Roman Fort at Richborough, Kent*, 1928, est. XXII, n.º 63. O seu aro apresenta-se todavia decorado. É um achado romano. Günter Ulbert, «Spätromische Skelettgräber aus Wessling... Vilshofen», *Germania*, 41 (1963), est. 23. Parece ser idêntico ao bracelete de Conímbriga. Está datado como sendo do Baixo Império Romano.

Estes braceletes serpentiformes são muito comuns na época imperial romana (1).

- 20 — Fragmentos de uma cadeia de bronze com pedras a ornamentá-la que deveria ser do tipo do bracelete n.º 22. Há somente dois pedaços desta corrente: um deles, que deveria fazer parte do aro, apresenta duas pedras de vidro, cilíndricas, sobrepostas, sendo uma preta e uma verde; o outro, que pertenceria, possivelmente, a uma das extremidades, tem uma pedra vítrea, preta, troncocónica e maior do que as outras já citadas. Deveria ser um pingente que cairia junto do fecho.

Estado de conservação: muito incompleto.

Bracelete de Prata

- 21 — Este bracelete de aro cilíndrico apresenta a extremidade em forma de dois segmentos esféricos sobrepostos e encimados por um toro. O último destes segmentos tem num orifício central onde penetraria, certamente, a outra extremidade aguçada do bracelete, que não existe.

Dimensões: D. 45 a 50 mm; d. 35 mm; espessura 1,5 mm.

Secção circular.

Estado de conservação: muito incompleto e partido em três pedaços.

Há mais dois fragmentos de fio de prata, circulares, talvez pertencentes a braceletes do mesmo tipo.

Parece tratar-se de um achado do Baixo Império Romano ou da época visigótica (2).

Bracelete de Ouro e Pedras

- 22 — Cadeia de elos de ouro decorada, de onde a onde, por contas discóides de vidro, de cor verde sombria. Uma das extremidades termina num gancho, e a outra, num pingente troncocónico, de cor vermelho-sombria.

(1) Cagnat et Chapot, *Manuel d'Archéologie Romaine*, II, 1920, p. 401, fig. 592, n.º 2. É um achado romano. Anita Biittner, «Figürlich verzierte Bronzen vom Kastell Zugmantel», *Saalburg-Jahrbuch*, XX (1962), est. 3, n.º 2. Esta estação arqueológica estende-se dos fins do século I ao século III d.C. J. Coupry, «Circonscription de Bordeaux», *Gallia*, XXIII (1965), p. 419, fig. 13. É um achado do Baixo Império Romano.

(2) Giinther Ulbert, *art. cit.*, est. 23. É de bronze este bracelete e datado do Baixo Império Romano. Fernando Jiménez de Gregório, *art. cit.*, p. 184, fig. 17. Este bracelete visigótico, de tipo semelhante ao bracelete n.º 21, é de bronze.

Dimensões: comprimento 155 mm.
Estado de conservação: falta a maior parte das contas.
Número do inventário geral: A 399.

Há ainda dois fragmentos de um bracelete de ouro, deste mesmo tipo; possivelmente, um deles corresponde a uma extremidade. Têm de comprimento 22 e 11 mm. No fragmento maior vemos uma pedra de vidro, branca, mas muito desvitrificada. Pode datar-se da época romana imperial (1).

Bracelete de Osso

23 — Pequeno fragmento de bracelete de osso, fitiforme, cuja decoração consiste num profundo sulco central a envolver o aro e linhas oblíquas e paralelas, de cada lado deste, formando num enfeite espiniforme.

Dimensões: D. 80 mm; altura 6 mm; espessura 2,5 mm.

Cor castanho-acinzentada.

Secção rectangular.

Estado de conservação: incompleto.

Deve tratar-se dum bracelete do século n d.C. (2).

Braceletes de Vidro

24 — Bracelete de vidro negro e opaco, liso, convexo exteriormente e plano do interior.

Dimensões: D. 70 mm; altura 8 mm; espessura máxima 5 mm.

Secção em D.

(1) J. L. de Vasconcellos, «Apêndice —II — Sepultura de Santa Menina (Fundão)», *O Archeologo Português*, XXII, (1917), p. 338, fig. 34. As pedras e o fecho deste bracelete romano são diferentes dos do n.º 22. Manuel Heleno, «O tesouro da Borrallheira (Teixoso)», *O Arqueólogo Português*, nova série, II (1953), pp. 226-227, fig. 1, n.º 1. Trata-se de um colar da época imperial romana, de tipo semelhante ao deste bracelete. Giovanni Becatti, *Oreficerie antiche dalle minoiche alie barbariche*, 1955, est. CXLVII, n.º 523. O colar aqui citado apresenta-se do mesmo tipo do bracelete considerado anteriormente. Está datado do século i a.C. ao século ii d.C..

(2) Nino Lamboglia e Anna Siccardi, «Nuovi scavi nelle necropoli romana del Marte ad Albenga», *Rivista Ingauna e Intemelia*, XIV, (1959), p. 68, fig. 10, n.º 5. Embora de bronze, este bracelete, datado do século n d.C., apresenta-se semelhante ao de Conímbriga.

tado de conservação: incompleto e fragmentado. O vidro apresenta algumas crateras, picado incipiente e um começo de irisão dourada. Número do inventário geral: A 402.

Existem ainda fragmentos de mais cinco braceletes deste tipo e cujas alturas variam entre 9 e 7 mm, os diâmetros entre 50 e 70 mm e a espessura entre 5 e 6 mm.

25 — Bracelete de vidro negro e opaco de formato idêntico ao n.º 24 mas de maiores dimensões. Uma das bases é mais espessa do que a outra.

Dimensões: D. 60 mm; altura 14,5 mm; espessura 6,2 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto. O vidro está bem conservado.

Há mais dois fragmentos de braceletes de vidro deste tipo cujas alturas são de 12,6 e 13 mm, os diâmetros de 50 e 60 mm e as espessuras máximas de 5,2 mm e 4 mm.

Este tipo de bracelete de aro em D e liso é romano. Pertence ao grupo 21 de Haevermick (1).

26 — Bracelete de vidro negro e opaco, de aro canelado e cujos gomos se apresentam muito fundos e pouco inclinados.

Dimensões: D. 60 mm; altura 11,5 mm; espessura máxima 6,5 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto. O vidro mostra irisão multicolor, predominantemente dourada, além do desgaste causado pelo uso.

Há mais dois braceletes deste tipo incompletos com 9 mm e 11 mm de altura, 60 mm de diâmetro e 3 mm de espessura máxima.

27 — Os gomos deste bracelete de vidro negro e fosco e aro canelado apresentam-se pouco salientes e muito inclinados, e o sulco que os separa, muito aberto. O interior do aro é levemente côncavo.

Dimensões: D. 60 mm; altura 10 mm; espessura máxima 6 mm.

(1) Otto Kuntel, «Zur Frage Keltischer Glasindustrie», *Germania*, 39 (1961), est. 44, n.º 9 e 13 a 16. O autor coloca estas pulseiras no grupo 21 da classificação de Haevermick. Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, est. XL, n.º 3. O bracelete romano aqui citado é de piçarra ou azeviche. Mário Cardozo, «Pulseiras antigas de vidro encontradas em Portugal», *Revista de Guimarães*, LXXI (1961), est. III. Trata-se de um achado lusitano-romano.

Secção quase em D.

Estado de conservação: incompleto. O vidro apresenta picado incipiente e irisão multicolor, predominantemente dourada.

- 28 — Bracelete de vidro negro opaco, de aro canelado e cujos gomos não apresentam disposição uniforme, chegando uma das partes do aro a ser quase lisa.

Dimensões: D. 50 mm; altura 11 e 11,5 mm; espessura máxima 7,2 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto. O vidro possui irisão multicolor, predominantemente dourada, e picado incipiente.

- 29 — Bracelete de vidro negro opaco, de aro canelado e cujos gomos se apresentam muito profusos e verticais. São pouco pronunciados.

Dimensões: D. 60 mm; altura 11 mm; espessura máxima 5,1 mm.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto e com crateras e picado miúdo intenso em toda a superfície.

- 30 — Este bracelete de vidro negro e opaco mostta-se profusamente coberto de gomos estreitos e salientes, dispersos verticalmente. A parte média deste fragmento é mais larga do que as extremidades.

Dimensões: D. 50 mm; altura 11 mm a 9,5 mm.; espessura 6 mm.

Secção plano-convexa.

Estado de conservação: incompleto e com picado variado em toda a superfície.

Os braceletes de vidro, de aro canelado, são romanos e estão incluídos no grupo II da classificação de Haevernick (1).

- 31 — Bracelete de vidro negro fosco de aro torcido.

Dimensões: D. 60 mm; altura 9 mm; espessura 4,8 mm.

Secção plano-convexa.

Estado de conservação: incompleto; o vidro apresenta estrias superficiais e picado miúdo incipiente.

Parece ser do final da Idade do Ferro (2).

(1) Mortimer Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, est. XL, n.º 2. Este achado romano é de piçarra. W. Whiting, W. Hawley e Thomas May, *ob. cit.*, est. LV; não se encontra datado com exactidão este achado arqueológico; os autores citam-no como sendo da época romana imperial. Mário Cardozo, *art. cit.*, est. I e IV. São achados lusitano-romanos. Werner Kramer, «Fremder Frauenschmuck aus Manching», *Germania*, 39 (1961), est. 39, fig. 2. Pertence ao grupo II da classificação de Haevernick.

(2) A. Beltran, *Arqueologia Clásica*, p. 84, fig. 37, n.º 13. Este bracelete está datado da época de La Tène II.

OBJECTOS DE INTERPRETAÇÃO DUVIDOSA

- 1 — (Fig. 84) Pendente ornamental de bronze em forma de chouriço que, possivelmente, deveria fazer parte duma xorca.

Dimensões: D. 16 mm; espessura 8 a 4 mm.

Secção quase circular.

Estado de conservação: incompleto.

Há dúvidas sobre a possível datação das xorcas, pois não se sabe se serão de Idade do Bronze, se da Idade do Ferro (1).

- 2 — (Fig. 92) Não sabemos ao certo se se trata propriamente de um brinco ou de um pendente de um brinco, colar ou bracelete. É em ouro e com forma de chouriço.

Dimensões: D. 14 mm; espessura máxima 3,5 mm. Peso: 1950 mg.

Secção em D.

Estado de conservação: incompleto e partido nas extremidades.

Número do inventário geral: A 279(2).

- 3 — (Fig. 93) Pedra de vidro translúcido, azul ultramarino, em forma de gota e que deveria estar incrustada nalgum pendente de brinco (ou colar).

Dimensões: comprimento 15 mm; largura 9,5 mm; espessura máxima 4,8 mm.

Secção em D.

(1) José Leite de Vasconcellos, *O Archeólogo Português*, XXIV, (1919), p. 100, fig. *a* e *b*. O autor diz-nos que estes pendentes de bronze, datados da época do Ferro, se colocavam nas xorcas e não eram arrecadas, como pretendia Santos Rocha, *Portugalia*, I (1898-1903), p. 593, fig. 2. Cita igualmente na p. 106, est. XXVIII fig. 1, dois pendentes deste tipo, da Idade do Ferro, actualmente no Museu Etnológico e sendo um deles de Conímbriga. J. L. de Vasconcellos, «Antiguidades do Alentejo», *O Archeólogo Português*, XXVIII (1929), p. 177, fig. 41. Existe aqui uma xorca de bronze, da Idade do Ferro, com pendentes semelhantes a este. Segundo o autor, as xorcas deste tipo datam dos fins da Idade do Ferro. Fernando Nunes Ribeiro, *O bronze meridional português*, Beja, 1965, contesta a ideia de Leite de Vasconcelos atribuindo a xorca de bronze não à Idade do Ferro II, mas sim à Idade do Bronze. Diz ainda que o próprio Vasconcelos se contradiz dentro do mesmo volume XXIV de *O Archeólogo Português*, pois na p. 193 e segs. considera-as como sendo da época do Ferro.

(2) John Ward, *The Roman Era in Britain*, Londres, p. 267, fig. 76 T. O brinco apresentado aqui pelo autor assemelha-se ao de Conímbriga. É de prata. Só depois de estar enfiado na orelha é que se apertava e era, então, usado permanentemente.

Estado de conservação: completa mas com crateras e picado miúdo intenso (1).

- 4 — (Fig. 94) Pingente de ouro formando duas volutas afrontadas, encimadas por uma argola oval. Um sulco fundo descreve a parte média desta argola.

Dimensões: comprimento 12 mm; largura 8 mm; espessura 0,9 mm; comprimento da argola 5 mm.

Secção rectangular.

Estado de conservação: completo e intacto, mas de extremidades levemente torcidas (2).

(1) James Laver, *Costume itt Antiquity*, p. 108, n.º 3. Encontramos aqui um brinco com pingentes onde se nota a existência de pedras com o feitio desta.

(2) Joaquina Eguaras, «Museo Arqueológico de Granada», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, III-IV (1942), est. XXXVII, n.º 2. É considerado como um pendente de colar visigótico de formato semelhante ao de Conímbriga.

DISTRIBUIÇÃO DOS ACHADOS POR ZONAS

Anéis

Casa dos repuxos (palácio extramuros): 9, 73
Zona B: 4
Grandes Termas do Sul: 1-3, 10, 16, 19-21, 24, 29, 30, 33, 35, 38, 39, 41, 46,
49-51, 54, 58, 63, 70, 83.
Zona E: 23, 32, 44, 82.
Colector: 42
Bico ocidental da muralha: 43.

Pedras de anel

Casa dos repuxos: 2, 7
Grandes Termas do Sul: 1

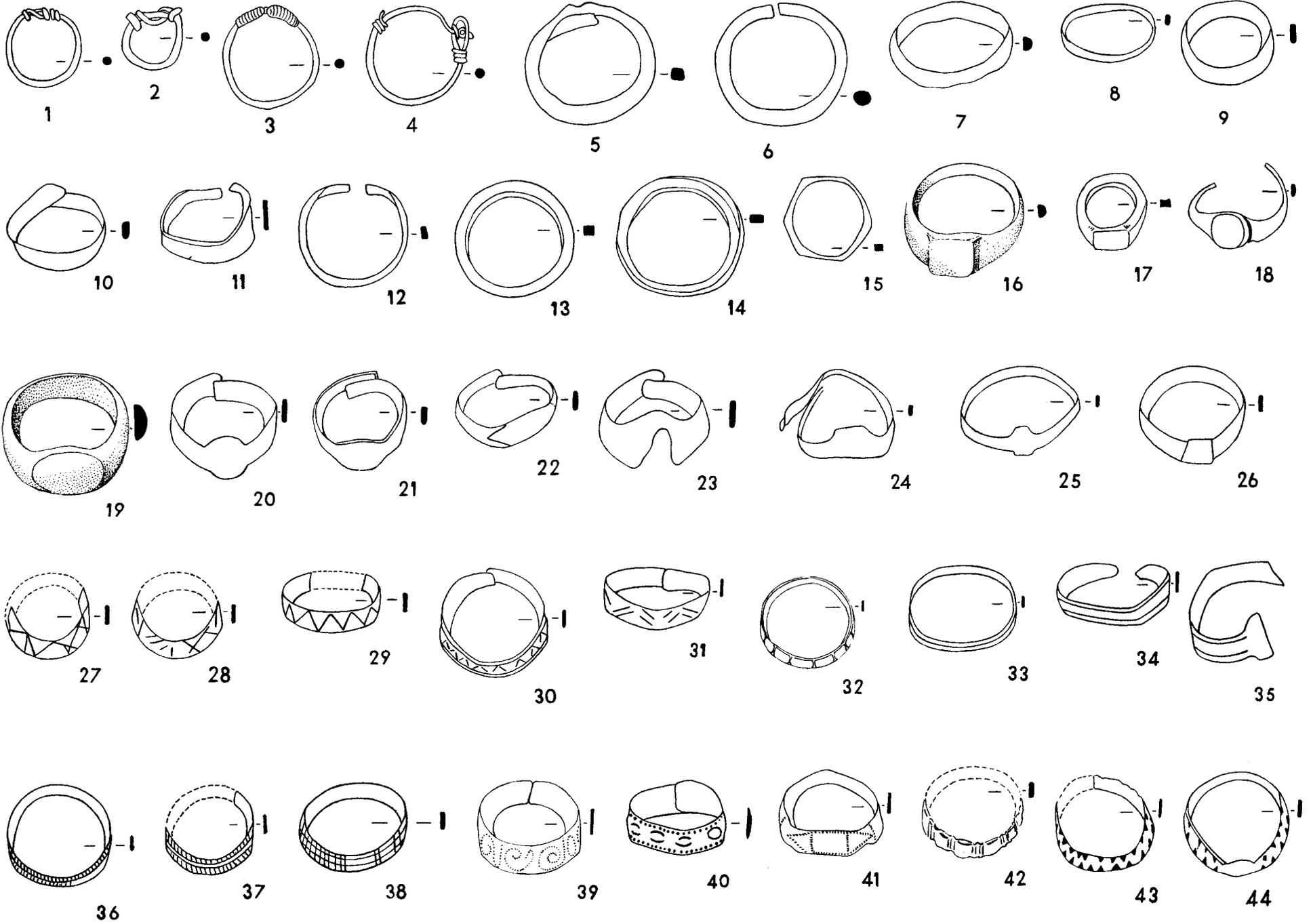
Brincos

Grandes Termas do Sul: 3, 5
Zona B: 4

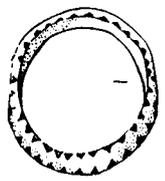
Braceletes

Casa dos repuxos: 4, 12
Grandes Termas do Sul: 3, 7, 11, 16, 18, 23, 27, 28, 31.
Zona E: 9, 24, 26, 29.

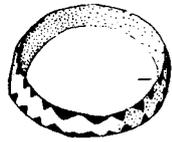
ELSA ÁVILA FRANÇA



(Página deixada propositadamente em branco)



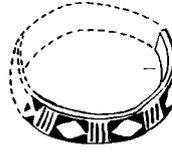
45



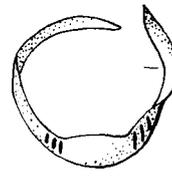
46



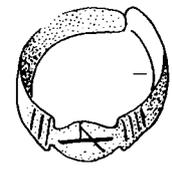
47



48



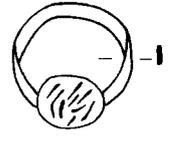
49



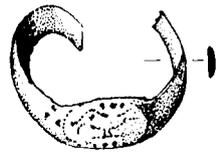
50



51



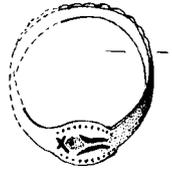
52



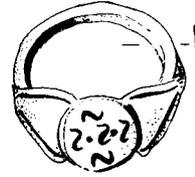
53



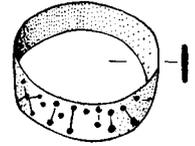
54



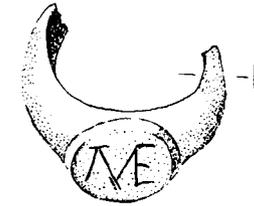
55



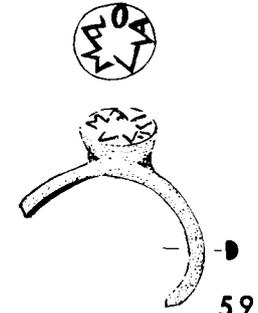
56



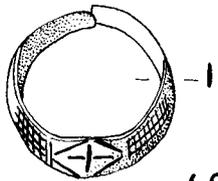
57



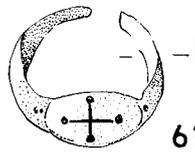
58



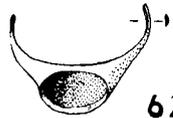
59



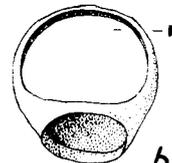
60



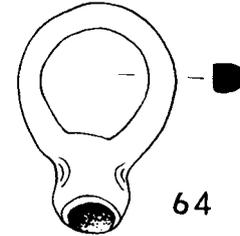
61



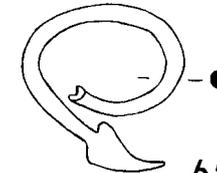
62



63



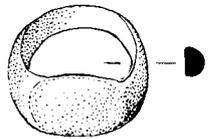
64



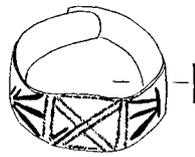
65



66



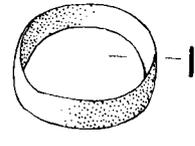
67



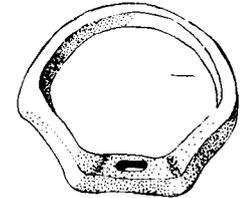
68



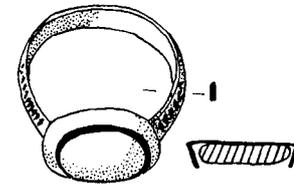
69



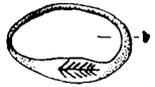
70



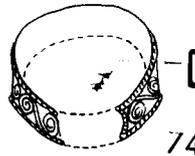
71



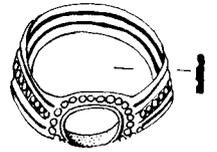
72



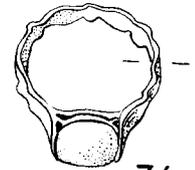
73



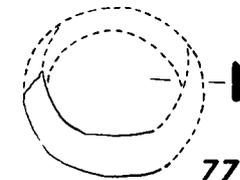
74



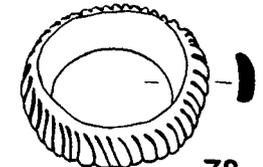
75



76

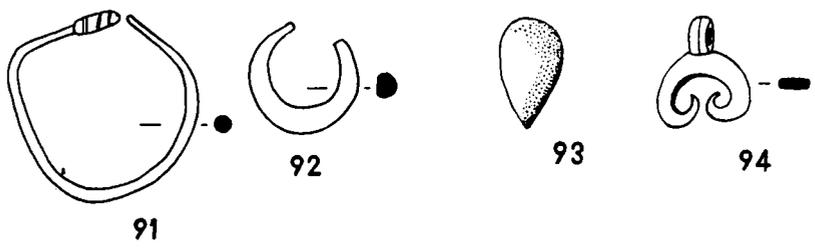
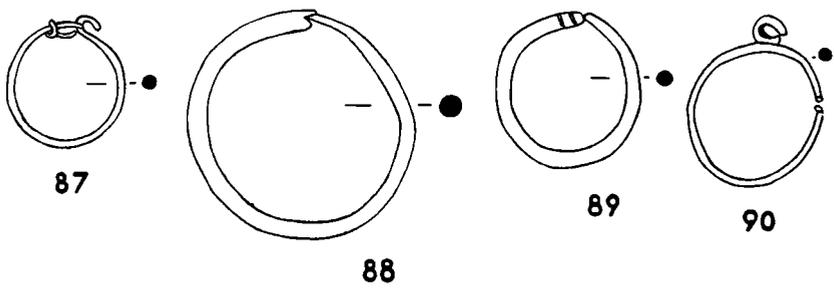
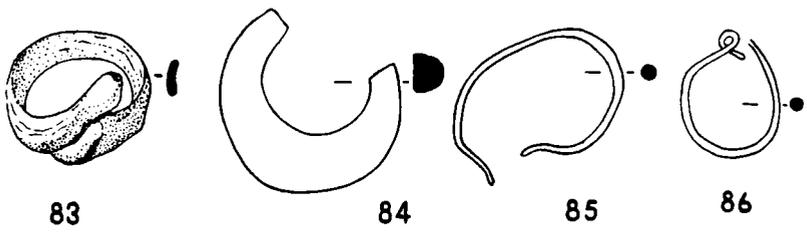
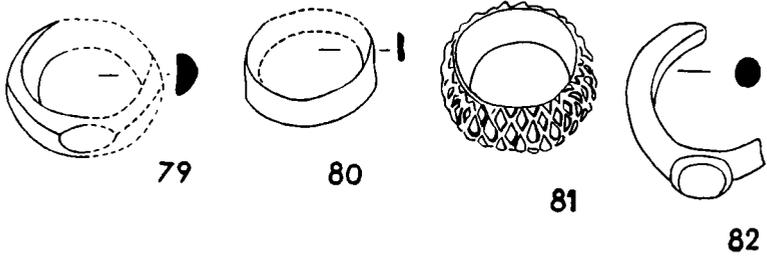


77

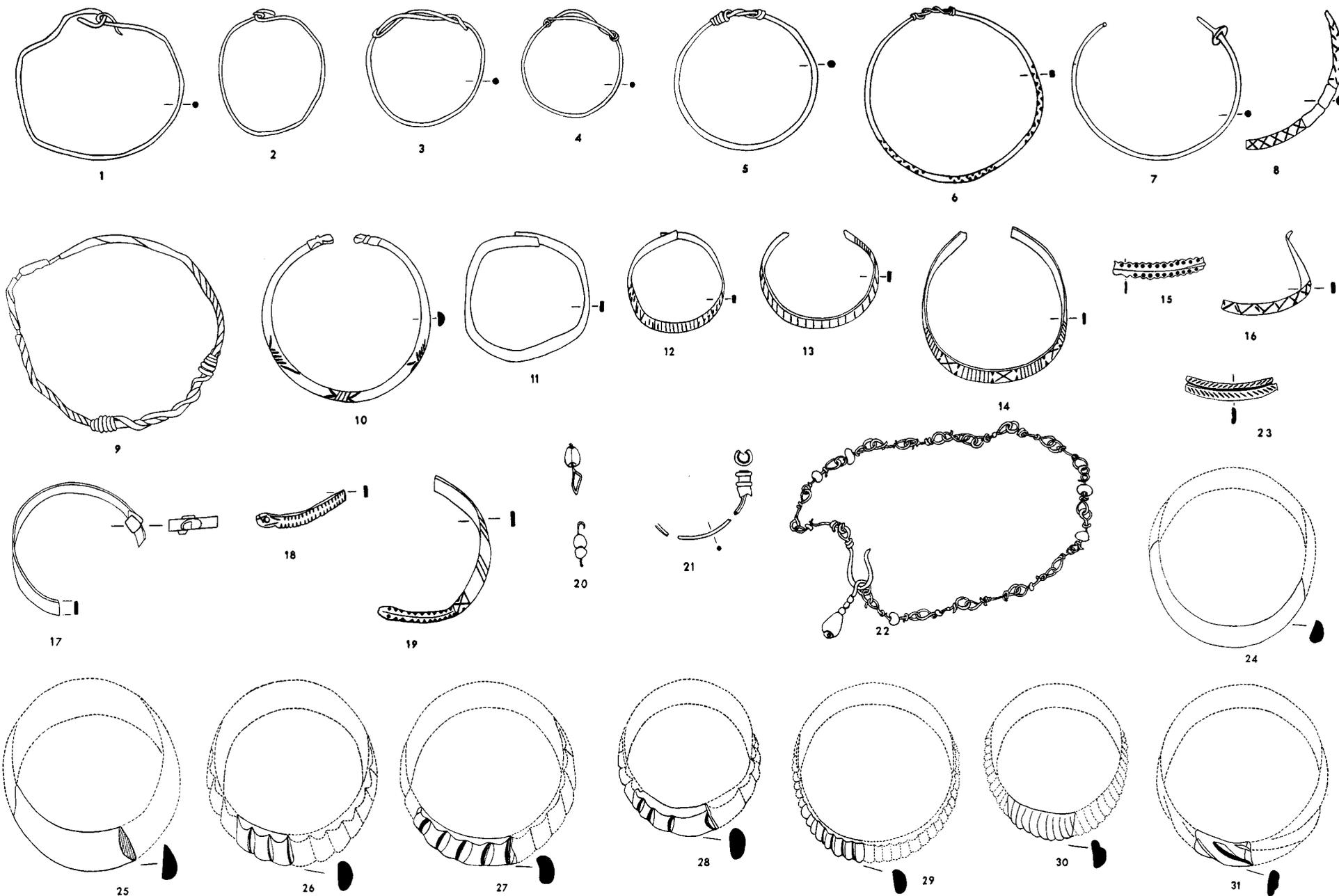


78

(Página deixada propositadamente em branco)



(Página deixada propositadamente em branco)



Escala: 1:2
Os n.ºs 20-22 estão representados a 1:1

(Página deixada propositadamente em branco)



1



4



2



5



7



6



3